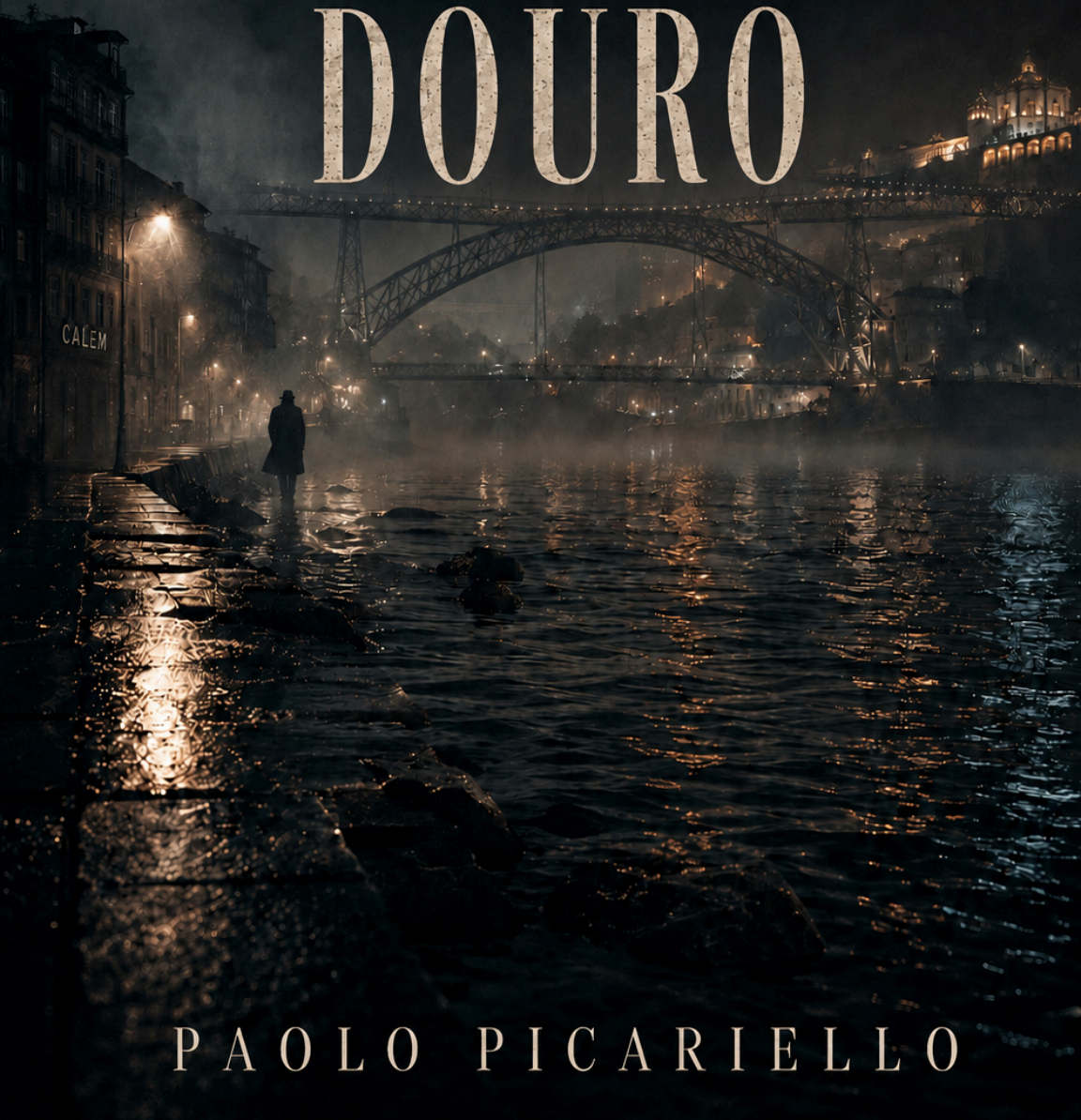


UMA SOMBRA SOBRE O RIO DOURO



PAOLO PICARIELLO

UMA SOMBRA SOBRE O RIO DOURO

por Paolo Picariello

Porto, agosto–dezembro de 1992

NOTA DO AUTOR

Este romance decorre no Grande Porto, em 1992, num bairro de pescadores, prostitutas, ladrões e gente de bem chamado Afurada. Os acontecimentos narrados, as personagens e as organizações criminosas são uma invenção literária. Qualquer referência a pessoas reais é puramente casual.

Ten existiu de verdade.

PRÓLOGO

GÉNOVA. UM DOMINGO DE NOVEMBRO DE 1988.

O asfalto estava quente contra a face.

Foi este o primeiro pensamento — não a dor, não o som, não a compreensão do que acontecera. Apenas o calor do asfalto contra a face, em novembro, como se a praça tivesse guardado o sol de outubro dentro da pedra e não quisesse entregá-lo.

Depois, o céu. Vista deitado de costas, a Piazza De Ferrari é outra praça — a fonte ao centro como um círculo de metal que nunca para, os edifícios a erguerem-se dos quatro lados como as paredes de um poço demasiado largo, um céu cinzento de novembro que girava devagar para a direita; ou talvez fosse ele a girar, difícil perceber qual dos dois se movia.

O som chegou depois. Primeiro o calor e o céu, depois o som: um assobio contínuo, agudíssimo, como qualquer coisa dentro do ouvido a tentar encobrir tudo o resto.

Depois, as vozes.

Alguém chamava por ele debaixo de água.

Depois, a dor.

Tentou levantar-se. As pernas não responderam como deviam. Não era paralisia — sentia, e isso já era alguma coisa. O sinal partia, mas alguma coisa o interrompia pelo caminho.

«Ricci. Ricci, fica quieto. Não te mexas.»

A voz de Marchetti. O seu subchefe. Uma voz que conhecia havia anos — quantos? Sete, oito? — e que agora parecia vir de muito longe, embora Marchetti estivesse a cinquenta centímetros dele, ajoelhado no asfalto, com as mãos a fazerem qualquer coisa atrás das suas costas.

«Dux.»

Disse o nome sem pensar. Foi a primeira palavra inteira; não o nome de Marchetti, não um pedido de ajuda. O nome do cão.

«O Dux está bem?»

Marchetti não respondeu logo. Aquela pausa de dois segundos continha tudo.

«Fica quieto, Paolo. Fica quieto.»

Não disse mais nada. Não era preciso.

Dux não estava bem.

Fechou os olhos. O asfalto continuava quente contra a face. A fonte fazia o seu ruído circular e contínuo, que nunca parava, nem sequer agora, nem sequer com a praça cheia de sirenes, de vozes e de tudo o que acontece quando alguma coisa grave corre mal num lugar público.

Pensou no que acabara de acontecer. Não na dor, não nas pernas — em como acontecera.

Operação planeada. Percurso alterado no último momento — uma decisão tomada naquela manhã, comunicada no máximo a três pessoas. Um intervalo de poucos minutos entre a alteração e a execução. E, no entanto, alguém sabia. Alguém soubera o percurso exato, o momento exato.

Alguém de dentro.

Ainda não era um nome. Era uma forma — a silhueta de alguém que ele conhecia o suficiente, que estava

suficientemente perto, que encontrara razões suficientes para vender o que sabia.

Rex já morrera dois anos antes, na outra operação comprometida que ele classificara como azar. A coleira ficara numa gaveta, porque certos objetos se tornam difíceis de deitar fora depois de terem tocado em alguma coisa que amámos.

Agora, com o céu de Génova por cima dele e as sirenes a aproximarem-se, percebia que talvez não tivesse sido azar.

Agora começava a perceber que as duas coisas podiam estar ligadas.

O nome ainda não existia. Apenas a forma de alguém — próximo, de confiança, vendido — que se movia nas margens do que ele conseguia pensar.

A ambulância chegou. Mãos a virá-lo, uma maca, o céu a voltar à vertical em vez de horizontal. Alguém falava sem parar. Paolo respondia por monossílabos, com a atenção noutro lugar.

Num lugar onde ainda existia a forma de um cão que já não existia.

E um homem que não estava onde devia estar.



PRIMEIRA PARTE

UMA SOMBRA SOBRE O RIO DOURO

Grande Porto – agosto / setembro de 1992

I

AFURADA – 14 DE AGOSTO DE 1992

Miguel entrou às dez e vinte.

Paolo reconheceu-o pela postura antes mesmo de lhe ver o rosto: os ombros rígidos, o passo de quem continua a andar apenas porque parar seria pior.

Levantou-se do balcão.

«Miguel.»

O outro parou a meio do bar. Apertava entre as mãos um frasco de conserva.

«Quarto dia», disse. «A polícia diz que, por enquanto, não tem mais nada.»

Paolo conhecia Sofia desde o tempo em que ela corria no cais com os atacadores desapertados. Conhecia também o rosto de um pai que já não conseguia chamar espera ao que estava a fazer.

Apontou para o frasco.

«É a fronha?»

Miguel assentiu. «A Sonia tirou-a da almofada, como me disseste. Virou um saco limpo do avesso sobre a mão, sem tocar no tecido, e depois fechou-a aqui dentro.»

Paolo verificou a tampa. O vidro preservava um odor mais limpo do que a camisola que Miguel levava à polícia, entretanto passada por demasiadas mãos. Não tornava o cão infalível; apenas reduzia uma das muitas razões pelas quais podia enganar-se.

«Quem a viu por último?»

«A Fernanda. Na Fonte dos Leões, na noite da festa. Diz que eram zero e quarenta. A Sofia ficou ali à espera de alguém.»

«A polícia sabe?»

«Desde ontem.»

Paolo pegou no telefone e ligou a Fernando Vieira. Falou-lhe do local, da hora e do frasco. Não pediu uma autorização que Fernando não poderia dar-lhe; pediu que um agente mantivesse livre o ponto de partida e registasse cada passagem.

Quando desligou, Ten já se levantara da cama. Aproximou-se da mesa, farejou o ar e olhou para Paolo.

«Aqui não», disse-lhe Paolo. «Começamos no último lugar onde sabemos que ela esteve.»

Pegou no arnês, na linha longa e numa garrafa de água. Maria saiu de trás do balcão e compôs-lhe o colarinho com um gesto rápido.

«Não prometas ao Miguel o que não sabes.»

«Não prometo.»

Miguel seguiu-os até à porta.

«Vais encontrá-la?»

Paolo olhou para o frasco, depois para o cão. Quatro dias de calor, vento, trânsito e milhares de passagens separavam Sofia daquela praça.

«Procuramos uma direção», disse. «Se o Ten não a encontrar, há de dizer-nos. Isso também serve.»

Saíram para o branco de agosto. O Douro brilhava ao fundo da rua, as redes estavam enroladas nos cais e uma gaivota gritava por cima dos telhados.

Ten subiu para o carro sem precisar de ser chamado.

II

O RASTO

Chegaram à Fonte dos Leões pouco depois do meio-dia.

Fernando mantivera os curiosos afastados com duas barreiras e um agente à paisana. Fernanda indicou o ponto exato: a borda da fonte voltada para a Rua das Carmelitas. Fora ali que deixara Sofia quatro noites antes, sentada com a mala sobre os joelhos.

«Estava à espera do François?», perguntou Paolo.

«Não disse. Disse apenas que tinha um encontro.»

Paolo não a interrogou mais. Olhou para a calçada, as sombras curtas, o fluxo contínuo de pessoas. Era um ponto péssimo: aberto, atravessado, lavado todas as manhãs. Mas era um ponto conhecido, não uma hipótese.

Colocou em Ten o arnês de busca e prendeu-lhe uma linha de oito metros. Abriu o frasco sem retirar a fronha e apresentou-o ao cão. Ten inspirou duas vezes, desviou o focinho e depois voltou ao odor. Paolo fechou de imediato o recipiente.

«Procura.»

Não indicou nenhuma direção. Deu um passo atrás e deixou Ten construir o seu próprio quadro.

O cão descreveu um semicírculo em torno da fonte. Na primeira saída, entrou na Rua do Carmo durante alguns metros, abrandou e voltou para trás. Na segunda, verificou a orla de um canteiro e regressou com a linha frouxa. À

terceira, o corpo mudou: cabeça mais baixa, ombros à frente, tensão contínua na linha.

Paolo seguiu-o sem encurtar a distância. Aquilo não provava que Sofia tivesse passado por ali; era um comportamento coerente com o rasto procurado. Num auto, a diferença seria enorme. Também na sua cabeça tinha de continuar a sê-lo.

Ten desceu em direção à Rua de Ceuta. Trabalhava por vezes junto à borda do passeio e outras dois ou três metros fora do eixo, onde as correntes entre os edifícios tinham deslocado o odor. Em cada cruzamento, alargava, experimentava uma saída, descartava-a e retomava. Paolo lia a tensão da linha, não o focinho. O focinho podia estar alto ou baixo; a decisão estava no corpo inteiro.

Ao fim de vinte minutos, pararam à sombra. Paolo deu-lhe pouca água e deixou a respiração voltar ao normal. O calor contava mais do que o orgulho do condutor.

Retomaram o trabalho.

O rasto levou-os à rampa de uma garagem privada. O vigilante teria querido falar, mas Fernando fê-lo esperar. Ten desceu ao piso inferior, atravessou duas filas de automóveis e abrandou diante de um lugar junto a um pilar. Fez dois pequenos círculos, verificou a passagem pedonal, voltou ao lugar. Depois, a tensão desapareceu.

Paolo deu-lhe toda a extensão da linha. Ten experimentou a saída dos carros, voltou para dentro, procurou ao longo da parede e regressou de novo ao pilar. Nenhum reinício nítido.

«Lá para fora», disse Paolo.

Deixou-o descansar cinco minutos, depois repetiu a verificação a partir do corredor oposto. O resultado foi o

mesmo: chegada ao lugar, busca breve e dispersa, nenhum rasto pedonal à saída.

Paolo tirou o boné e olhou para Fernando.

«Aqui perde o percurso. Pode ter entrado num veículo. Também pode haver contaminação a mais para ele continuar. Não te sei dizer qual das duas coisas aconteceu.»

O vigilante recordava-se de uma carrinha verde-escura que entrara depois da meia-noite e saíra menos de dez minutos mais tarde. Lembrava-se de dois homens e de uma rapariga no banco da frente; não da matrícula completa, apenas das letras finais. Fernando mandou isolar o lugar. Havia uma mancha de óleo recente e uma marca de pneu, coisas que o laboratório podia comparar e o cão não.

Ten deitou-se no cimento fresco, com a língua de fora.

«Muito bem», disse Paolo.

Não porque tivesse encontrado Sofia. Delimitara um troço do último percurso dela e soubera parar onde a informação terminava. Era a parte menos espetacular do trabalho e aquela que Paolo se sentia mais seguro em apresentar a Fernando.



No recinto de André, três anos antes, havia seis cachorros. Um mordía os atacadores, outro ladrava a tudo, outro tentava trepar a rede. Ten observava.

Sentara-se a dois metros de Paolo e estudara-o com aquela seriedade desproporcionada que conservaria em adulto. Depois levantara-se, atravessara a distância e colocara-se ao seu lado.

«Como se chama?», perguntara Paolo.

«Ainda não tem nome.»

«Ten.»

Não houvera um motivo. Apenas o som certo.

Agora, na garagem, Ten levantou a cabeça quando Paolo pegou na linha. O trabalho terminara. Subiram em direção à luz.

III

A JUVENTUDE DE PAOLO

Génova, 1959–1988

Génova, 1959. Terceiro filho. O pai no porto. A mãe a coser para as senhoras do bairro alto.

Aos dezasseis anos partiu com um saco de desporto. Amesterdão. Um problema que o avô resolveu em silêncio. Depois Viterbo — o curso de sargentos, seis meses, qualquer coisa que alterou a forma das coisas sem lhes mudar a matéria.

A equipa cinotécnica de Génova. Dux — pastor-alemão, imponente, paciente. Um preço posto na sua cabeça pelos chefes.

Depois, aquele domingo na Piazza De Ferrari.

As pernas recuperaram o suficiente. Não o bastante. Saiu.

Um bar no porto. Uma mulher portuguesa com um livro e uma chávena de chá frio que nunca acabava.

Maria. Porto. O Farol.

Ten.

IV

AS AMIGAS DE SOFIA

Fernanda tinha dezassete anos e os olhos inchados. Sentou-se à mesa do bar com as mãos fechadas em torno da chávena, como se tivesse frio, em agosto, com trinta e um graus.

Paolo não tomou notas. Não abriu nenhum bloco. Sentou-se diante dela como nos sentamos diante de alguém que ainda tem de decidir se quer falar.

«Não tens de me dizer nada que não queiras.»

Fernanda olhou para ele. Avaliou-o.

«Havia um homem», disse. «Francês. A Sofia chamava-lhe François. Não mo apresentou — manteve-o à parte. E a Sofia nunca mantinha nada à parte, percebe? Contávamos tudo uma à outra. Quando começou a mantê-lo separado, percebi que era diferente.»

«Diferente em quê.»

«Como quando alguém te faz parecer mais velha do que és. Não porque goste verdadeiramente de ti — porque precisa de ti para alguma coisa. Mas ela não via. Ou via e não queria saber.»

«Da última vez, deixei-a na Fonte dos Leões, às zero e quarenta. Estava diferente. Tinha o rosto de quem já decidiu. Não nervosa: decidida. Como quando se parte.»

Paolo ficou calado por um momento.

«Disse para onde ia?»

«Não. Disse apenas...» Fernanda baixou os olhos. «Disse que finalmente era ela que estava a escolher.»

Do lado de fora da janela do bar, o Douro brilhava imóvel no calor.

Ten estava sentado junto à cadeira de Paolo, quieto, sem fazer nada — apenas a sua presença, que em certos momentos era a coisa mais útil que podia oferecer.

V

O ENCONTRO COM FERNANDO

Fernando Vieira chegou ao bar ao fim da tarde. Paolo conhecia-o suficientemente bem para ler a notícia na forma como atravessou a porta — aquela ligeira contração em torno dos olhos, aquele ajeitar da gravata que não precisava de ser ajeitada.

Sentou-se. Maria trouxe vinho do Porto sem que ninguém o pedisse. Fernando aceitou-o com um gesto de gratidão pequeno, mas sincero.

«Conta.»

«O rapaz morto em Entre-os-Rios tinha ligações a uma organização que vigiamos há algum tempo. François Guimarães, francês de origem portuguesa, nascido em Marselha, vinte e seis anos. Ligado ao tráfico entre França e Portugal. Tinha sido visto com Sofia nos dias anteriores ao desaparecimento dela.»

«Causa da morte?»

Fernando baixou ainda mais a voz.

«Incaprettamento.»

O silêncio que se seguiu dispensava comentários.

«Marca italiana.»

«É o que pensamos. Alguém quis dar um exemplo — e fê-lo da forma como certos meios costumam fazê-lo.»

«E Sofia desapareceu na mesma altura.»

«Sim. Não sabemos se estava envolvida em alguma coisa ou se a envolveram contra a sua vontade. O que sabemos é que quem matou François não ficou por ali.»

Fernando abriu o bolso interior do casaco e pousou uma fotografia sobre a mesa.

Sofia e François. Ele tinha um braço sobre os ombros dela; ela sorria com aquele sorriso largo que era o seu sorriso quando estava verdadeiramente feliz. No verso, escrito à mão: setembro de 1991.

«Encontrámo-la nos bolsos do morto.»

Paolo ficou muito tempo a olhar para a fotografia. Depois:

«O que queres de mim?»

Fernando fitou-o nos olhos.

«Que faças o que sabes fazer. Que vás onde nós não podemos ir, que fales com quem não falaria connosco. Que encontres Sofia antes que seja tarde de mais.» Levantou-se. «E tem cuidado, Paolo. Esta gente não brinca.»

VI

O TELEFONEMA A MARCO MAZZINI

Mazzini era uma daquelas figuras que a vida raramente nos dá. Funcionário da Squadra mobile de Génova, estava entre os melhores da sua área. E, no entanto, percorria Génova numa velha Vespa verde-azeitona, com o capacete a meio da cabeça e uma parka da mesma cor em todas as estações. Vivia numa pequena mansarda nas ruelas genovesas, com uma grande paixão por mulheres bonitas e por cães, as duas coisas que declarava abertamente, sem hipocrisia nem cinismo.

Tinham-se conhecido durante uma operação conjunta — três dias de trabalho intenso, noites dentro do carro, comunicações por rádio, aquela tensão do trabalho partilhado que cria laços mais sólidos do que anos de convívio normal. No fim, Marco dissera: «Se algum dia precisares de saber como este mundo funciona, liga-me.» Não era uma fórmula de cortesia. Era uma promessa com um compromisso real.

«Marco. É o Paolo.»

«Ora essa — o italiano de Portugal. Diz-me que encontrei uma rapariga e não o problema do costume.»

«Encontrei o problema do costume. Preciso de ti.»

A voz mudou. Não subiu — apertou-se, como faz o sotaque genovês quando deixa de brincar sem avisar ninguém.

«Fala.»

Paolo explicou a situação com secura: Sofia, François, o incaprettamento, a ligação à máfia italiana, a presença de organizações da Europa de Leste.

Silêncio. Depois:

«Incaprettamento no Porto. Quem trabalha assim na tua zona — sicilianos ou o ramo marselhês?»

«Ainda estamos a tentar perceber qual é o ramo. Mas o método é aquele.»

«Sim, conheço o método. E, se há gente de Leste metida nisto — ucranianos, moldavos —, então é o novo esquema do pós-Muro. Rápido e sem estrutura fixa.» Uma pausa breve. «A rapariga tem dezasseis anos?»

«Sim.»

«Então despacha-te.» Nenhuma explicação. Não era necessária. «Não saio de Itália — tenho um caso em mãos que não posso deixar. Mas vou fazer umas chamadas. Esta noite tenho três nomes para ti.»

«Marco...»

«Não agradeças, que me dá urticária. E, Paolo, tem cuidado também dentro das polícias, não apenas lá fora.»

Desligou.

Ficou ao telefone mais três minutos — Mazzini a fazer promessas concretas sobre contactos a ativar, nomes a verificar, canais a abrir. Paolo escutava.

Desligou.

Ten olhava para ele do chão.

«Tudo o resto é teoria», disse ao cão. «Temos de encontrar alguma coisa física.»

No dia seguinte, com a ajuda de Fernando, conseguiu acesso ao carro de François — um Peugeot 205 estacionado

em Gaia, apreendido pela Polícia Judiciária depois de o corpo ter sido encontrado.

Não procurava nada em particular. Procurava como se procura quando ainda não se sabe o quê: abre-se, olha-se, espera-se que alguma coisa responda.

Debaixo do banco do passageiro, encontrou um caderno de espiral, folhas quadriculadas, letra cerrada e inclinada. Números de telefone sem nomes. Siglas que podiam ser iniciais ou códigos. Uma data — 3 de setembro de 1991 — rodeada duas vezes a caneta.

Três de setembro de 1991.

Paolo olhou para a data. A data no verso da fotografia — aquela que Fernando lhe mostrara, Sofia e François: setembro de 1991.

Na mesma altura em que François conhecera Sofia, anotava datas num caderno que ninguém deveria encontrar.

Voltou a ligar a Fernando e indicou-lhe a página sem lhe tocar. O caderno foi ensacado juntamente com o resto do conteúdo do carro.

Ten, no banco de trás, seguia todos os seus movimentos.

«Vamos», disse Paolo.

VII

PASTELEIRA – 18 DE AGOSTO DE 1992

O bairro da Pasteleira tinha aquela qualidade dos lugares esquecidos pelos mapas turísticos e pelos guias imobiliários — não porque não existisse, mas porque há lugares que convém a alguém que continuem como estão. Vuelas estreitas onde o calor se concentrava entre as paredes, prédios com as portas entreabertas e átrios a cheirar a fritos, crianças a brincar com o que encontravam em ruas onde os adultos caminhavam depressa, de cabeça baixa.

O homem no bar ao fundo da praceta estava à espera dele. Sentara-se à sua frente sem se apresentar.

«O teu François era um filho da puta», disse sem preâmbulos. «Traficava raparigas menores. Droga. Mas, acima de tudo, era um bufo — trabalhava como informador. Mataram-no porque falou com alguém com quem não devia ter falado.»

«E Sofia?»

«Quem o matou não tem nada que ver com ela. Ela não estava lá quando o liquidaram. Se procuras a rapariga, vê entre os ucranianos, os albaneses. Gente que usa pessoas como moeda de troca.»

O homem levantou-se com o dinheiro já no bolso e desapareceu na viela.

Paolo ficou com o copo de cerveja morna e uma imagem que começava a formar-se. François usara Sofia para

alguma coisa. Ou estava a entregá-la a alguém. E esse alguém, ou essa coisa, tinha raízes na Europa de Leste.

«Vamos procurar o Sergej», disse a Ten.

VIII

O VETERINÁRIO DA MAIA

Sergej Volkov aprendera que as dívidas morais se pagam de modo diferente das dívidas económicas. Quando abriu a porta das traseiras da clínica e viu Paolo com Ten pela trela, percebeu de imediato que esse momento chegara.

«Há um homem em Vila Nova de Gaia», disse, levando Paolo para um espaço resguardado da clínica, entre jaulas de gatos e prateleiras de medicamentos. «Dá pelo nome de Victor. Ucraniano. Usa o comércio de peixe como fachada — encontras o homem no mercado do peixe todas as manhãs. Tem ouvidos por toda a parte, nestes meios.» Parou. «Tem cuidado, Paolo. Estes não são como François. Estes são profissionais.»

Paolo preparou-se para se levantar. Sergej deteve-o com um gesto.

«Há mais uma coisa. Victor responde perante alguém. Não sei o nome — ninguém aqui no Porto sabe. Mas Sergej ouviu coisas. Quem está acima não é Julia. É um homem. E, quando se mexe, mexe-se depressa.»

«Eu sei.»

«Ótimo. Porque, se não sabes, não voltas.»

IX

O HOMEM DO PORTO

Na tarde seguinte ao encontro na Pasteleira, Paolo decidiu alargar o perímetro da busca. Não esperar que as informações viessem ter com ele — ir procurá-las onde viviam. O porto de Leixões era o porto industrial do Grande Porto, dez quilómetros a norte do centro, voltado para o oceano Atlântico como um lugar sem tempo para opiniões. Não o porto de postal ilustrado, com barcos rabelos carregados de pipas de vinho do Porto, mas o porto dos contentores, das gruas de trinta metros, dos camiões que entram e saem desde as cinco da manhã, dos cargueiros que descarregam durante manhãs inteiras sem que ninguém dê verdadeiramente por isso.

Paolo foi sozinho. Ten ficou em casa com Maria — uma escolha estratégica. No porto, um homem com um cão de trabalho dá nas vistas. Um homem sozinho, com as mãos nos bolsos, passa despercebido entre as dezenas de trabalhadores e camionistas que encham a zona todos os dias.

A entrada lateral era a dos fornecedores, não a oficial. Um portão aberto, com um guarda a fumar encostado à guarita, o olhar já noutro lugar. Paolo entrou — mala a tiracolo, passo decidido, nada que sugerisse hesitação. O guarda nem sequer levantou a cabeça.

Orientou-se depressa. Estudara o mapa do porto naquela manhã — a estrutura dos cais, a disposição dos armazéns, a

lógica das zonas de estacionamento. Procurava os armazéns C: construções dos anos sessenta, com a chapa ondulada já ferrugenta nas arestas, destinadas ao armazenamento temporário de mercadorias à espera de documentação. A zona com menos vigilância, a menos controlada.

O ruído era o de sempre — as máquinas, as vozes, o sinal sonoro dos empilhadores —, mas tinha aquela qualidade de fundo que torna invisíveis os sons anormais. Perfeito para quem quer fazer coisas que não se fazem.

Encontrou o seu homem no quarto armazém.

Rui Costa era um estivador com quinze anos de porto. Conhecia-o de vista — um dos homens que frequentavam o bar de Maria na época baixa, quando os pescadores da Afurada se encontravam no cais para não fazer nada. Não eram amigos, mas reconheciam-se.

«Rui.»

O homem levantou os olhos sem surpresa.

«Paolo. Não esperava ver-te aqui.»

«Preciso de dois minutos.»

Rui afastou-se da zona de trabalho. Aproximou-se de um espaço à sombra entre dois contentores.

«O que queres saber?»

«Chegadas sem documentação. Cargas que entram sem seguir o percurso normal. Qualquer coisa relacionada com pessoas, não com mercadorias. Nos últimos meses.»

Rui tirou um cigarro e acendeu-o.

«Não é o tipo de pergunta a que se responda com facilidade.»

«Eu sei. Mas tenho uma rapariga desaparecida há nove dias. E motivos para acreditar que certos movimentos passam por aqui.»

Um silêncio. Rui fumou.

«Há um cais secundário, o cais Seis. É usado de noite para certas descargas. Não tenho a certeza — só vi duas vezes, sempre de noite, sempre com gente que não conhecia. Carrinhas que carregavam à pressa.» Ao fim de um momento, acrescentou: «Uma vez ouvi vozes. Não eram vozes de homens.»

Paolo fitou-o.

«Quando foi a última vez?»

«Há nove dias. Talvez dez.»

«No mesmo dia em que Sofia desapareceu.»

Rui baixou os olhos. Deu outra passa no cigarro.

«Não sei se está relacionado. Mas foi o que vi.»

«Há alguém no porto que trate destas coisas? Um nome, nem que seja uma alcunha.»

Rui hesitou durante muito tempo. Paolo esperou.

«Há alguém no controlo de mercadorias que nunca faz perguntas sobre certas cargas noturnas. Não sei quem é. Mas, num trabalho em que as perguntas fazem parte do protocolo, alguém que nunca as faz já é uma resposta.»

Paolo assentiu.

«Obrigado, Rui. Não vou mencionar-te.»

«Não te peço que não o faças. Peço-te apenas que encontres aquela rapariga.»

Separaram-se sem apertos de mão — não porque houvesse hostilidade, mas porque ambos eram homens que

sabiam que certos acordos se cumprem melhor quando não são formalizados.

Paolo saiu do porto com mais um dado: alguém no controlo de mercadorias encobria as descargas do cais Seis. Uma engrenagem sem nome. Mas as engrenagens deixam vestígios nos registos, e os registos podem ser lidos.

Enquanto caminhava para o carro, sentiu o peso das informações acumuladas nas últimas horas — Pasteleira, o porto, as três amigas de Sofia, Fernando, o cadáver submetido a incaprettamento. Ainda havia peças a mais para formarem uma imagem.

Abriu o carro e sentou-se.

Ligou a Fernando.

«Tenho um cais: o Seis, usado para descargas noturnas sem documentação. E alguém do controlo de mercadorias que as encobre. Preciso do registo dos turnos.»

Silêncio do outro lado.

«Há nove dias. Cais Seis.»

«Exato.»

«Vou verificar. Paolo — estás a construir qualquer coisa. Peça a peça, mas estás a construir qualquer coisa.»

«Ainda não chega.»

«Não. Mas é mais do que tínhamos ontem.»

Desligou. Olhou pelo para-brisas para o porto, que continuava a viver a sua vida operacional, indiferente a tudo: os empilhadores a descarregarem contentores, as gruas a rodarem, os camiões a entrarem e a saírem. Toda aquela normalidade industrial dentro da qual se escondiam coisas sem nada de normal.

Sofia estava lá fora. E cada fio que encontrava levava-o um milímetro mais perto dela.

Ligou o motor.

X

VICTOR NO MERCADO DO PEIXE

O mercado do peixe de Vila Nova de Gaia, ao amanhecer, era um daqueles lugares que Paolo amava por razões que não conseguia racionalizar por completo. As vozes dos vendedores, a prata das sardinhas nas caixas, o cheiro acre e vivo.

Victor estava ao fundo, entre as caixas de gelo. Reconheceu-o pela descrição de Sergej antes mesmo de se aproximar — alto, com tatuagens a saírem do colarinho e das mangas.

Aproximou-se. Victor não levantou a cabeça.

«Estavas à minha espera.»

«Ouvi dizer que alguém andava a fazer perguntas», disse Victor em voz baixa, compondo as sardinhas na caixa como se fizesse a coisa mais normal do mundo. «Movem-se amanhã à noite. Não me perguntes para onde — não sei e, se soubesse, não to diria aqui.»

«Ela está bem?»

Victor esperou um segundo antes de responder.

«Por enquanto. Mas não esperes.»

Paolo começou a afastar-se. Victor não levantou a cabeça.

«Uma coisa», disse para as sardinhas. «Julia não decide. Há um homem que decide por ela. Se o encontrares, tem cuidado — ele não foge. Espera.»

Voltou ao que estava a fazer como se a conversa nunca tivesse acontecido.

Paolo caminhou até ao carro sem pressa e, ao longo do trajeto, foi juntando as peças.

Rui dissera cais Seis, nove dias antes, de noite. O registo das marés que copiara na Capitania indicava maré cheia, nessa noite, entre as duas e as cinco — a única janela em que um barco de pesca carregado podia acostar àquele cais sem tocar no fundo. As letras da matrícula recordadas pelo vigilante coincidiam com as de uma Ford Transit assinalada duas vezes em Matosinhos.

E Victor dissera: não esperes.

Um cais que só funcionava com a maré cheia. Uma Ford Transit vista na Rua de Ceuta e assinalada duas vezes em Matosinhos. Uma carga que não podia permanecer no porto grande, onde os controlos tinham acabado de mudar, e que precisava de um lugar com um armazém frigorífico e uma estrada direta para norte.

Matosinhos. Ninguém lho dissera. Era o único lugar onde todas as peças encaixavam.

XI

MATOSINHOS

O edifício de Matosinhos tinha aquela qualidade dos esqueletos industriais abandonados — janelas partidas a mais, portas a mais a cederem ao vento, uma estrutura que se aguentava mais por inércia do que por solidez de construção. Mas as luzes acesas no terceiro piso e as vozes que chegavam cá abaixo tornavam inequívoco que estava ocupado.

Fernando coordenou. A operação foi rápida: sete homens e uma mulher detidos, dois em fuga, o edifício posto em segurança em menos de vinte minutos. A mulher era Julia; Fernando reconheceu-a pela fotografia antes de ela dizer o nome. Paolo esperou do lado de fora, ligado às comunicações de rádio, com Ten imóvel ao seu lado.

Quando Fernando apareceu à porta, o rosto disse tudo antes de abrir a boca.

«Ela não está aqui, Paolo.»

Silêncio.

«Sofia não está aqui.»

Paolo não se encostou à parede. Ficou parado no escuro. Alguém os avisara. Não era azar. A mesma geometria da Piazza De Ferrari — alguém de dentro, com acesso aos protocolos, aos horários.

Ten continuava imóvel ao seu lado.

«Quem sabia desta operação?»

Fernando não respondeu logo. Um segundo demasiado longo.

«Seis pessoas sabiam a hora. Uma delas era Celso Alves.»

O mapa que usava estava errado. Era preciso redesenhar tudo.

«Há quanto tempo sabes?»

«Desde esta noite.»

«Não antes?»

«Desconfiava.»

Paolo não disse nada. Olhou para os colegas que saíam com os detidos algemados. Sete homens. Uma operação limpa. Sofia noutro lugar.

Recomeçava.



Leiria. Novembro de 1990.

A chuva terminara havia meia hora. Lama até aos tornozelos. Um rasto com horas.

Ten avançava em ziguezague — lia qualquer coisa no ar que Paolo não conseguia sentir, seguia algo que a chuva quase apagara, mas não por completo, porque um rasto pode sobreviver à chuva, mas não oferece certezas.

Depois, os dois latidos.

Fortes. Sem repetição.

Paolo afastou os ramos com as mãos nuas. Os espinhos abriram-lhe a pele sem que desse por isso.

Debaixo do tronco caído: o menino. Três anos. Gelado, imóvel. Os olhos abertos.

Vivo.

Paolo ajoelhou-se na lama. Envolveu o menino no próprio casaco. Chamou os socorros com a voz que se usa quando por dentro acontece qualquer coisa violenta, mas cá fora só pode chegar clareza.

O menino abriu a mão. Pousou os dedos no pelo de Ten antes mesmo de a mãe chegar, aos gritos, por entre as árvores.

«Cão bonito.»

Paolo continuou ajoelhado na lama mais alguns segundos.

Não por cansaço.

Para manter aquele momento no seu lugar.

Agora havia Sofia.

Sofia ainda não estava debaixo de nenhum tronco. Ainda não.



XII

O SACO NO DOURO

Voltou ao cais da Afurada porque não sabia aonde mais ir.

Passava das duas. A chuva terminara havia uma hora e a calçada tinha aquele brilho que só tem de noite, quando os candeeiros trabalham sobre ela sem concorrência. O bairro dormia. As redes estavam enroladas nos cais como serpentes adormecidas.

Ten caminhava ao seu lado esquerdo. Percebera que não era um passeio.

Sete homens e uma mulher detidos, dois em fuga, um armazém esvaziado à pressa. Paolo refizera as contas no regresso de carro, e o resultado era sempre o mesmo: alguém falara com horas de antecedência e, durante essas horas, uma rapariga desloca-se quatrocentos quilómetros.

Ten parou.

Não o parar do rasto. O parar de um cão que vê alguma coisa mexer-se onde nada devia mexer-se.

Debaixo do velho candeeiro torto junto à margem, dentro do cone de luz amarela que desenhava um círculo sobre a água, um saco de plástico transparente estava encostado ao pilar. Fechado com fita adesiva. Leve, quase inteiramente à superfície.

Paolo encontrou um ramo entre as tábuas do cais. Puxou o saco para a margem, baixou-se e ergueu-o com o lenço — as mãos obedeciam ao velho hábito: nunca tocar com as mãos nuas no que pode vir a ter importância.

Lá dentro havia fotografias.

Tirou-as uma a uma, tentando não estragar a emulsão molhada. Seis.

Sofia a sair da escola com a mochila pendurada num só ombro. Sofia no mercado de sexta-feira, meio passo atrás da mãe. Sofia sentada no muro em frente à igreja com Fernanda, que se ria de qualquer coisa fora do enquadramento. Sofia no cais dos pescadores, com o vestido azul-escuro, na noite da festa, antes.

Nenhuma fora tirada de perto. Nenhuma fora tirada por alguém que ela soubesse estar ao seu lado.

Paolo observou-as todas debaixo do candeeiro, com a água a escorrer-lhe dos punhos da camisa para o papel.

Não eram as fotografias de uma rapariga desaparecida. Eram as fotografias de uma rapariga escolhida.

Alguém a observara durante semanas. Aprendera a que horas saía, com quem caminhava, quando estava sozinha. Esperara pela festa porque numa festa há duas mil pessoas e ninguém olha para ninguém.

A sexta fotografia era diferente.

Não era Sofia. Era uma vista do Porto do alto — o Douro, as pontes, a Ribeira na outra margem. O género de postal que se compra em qualquer tabacaria da cidade.

No verso, a lápis, numa caligrafia pequena e precisa, daquelas que se aprendiam nas escolas de outra geração:

«V.R.»

Duas letras. Um ponto.

Paolo ficou imóvel com a fotografia na mão e o rio a correr por baixo das tábuas.

Ten tinha o pelo eriçado ao longo do dorso. Não ladrava. Olhava para a água negra para lá do pilar, onde não havia nada para ver.

«Eu sei», disse Paolo.



Fernando examinou-as na manhã seguinte, uma a uma, sem lhes tocar, deslocando-as com a ponta de um lápis.

«Não posso usá-las», disse por fim. «Proveniência desconhecida, cadeia de custódia inexistente, entregues por um rio. Um advogado desfaz-mas em quatro minutos.»

«Não te peço que as uses. Peço-te que olhes para elas.»

Fernando voltou a olhar.

«Está bem. O que vejo.»

«Vês que não foi um acidente. Vês que alguém a estudou durante semanas antes de a levar. E, para estudar uma rapariga durante semanas na Afurada, é preciso poder andar por lá sem que ninguém se vire.»

Fernando pousou o lápis.

«Alguém daqui.»

«Ou alguém que possa entrar aqui sem dar explicações.»

Ficaram um momento sem dizer em voz alta aquilo que ambos estavam a dizer.

«E as duas letras?»

Paolo virou o postal e deixou-o sobre a base da secretária.

«Essa é a parte de que não gosto.»

«Porquê.»

«Porque quem manda uma coisa destas não a manda por bondade. Manda-a para me pôr a caminhar numa

direção.» Paolo levantou-se. «A pergunta não é se diz a verdade. A pergunta é porque ma diz a mim.»

Fernando alinhou as fotografias sobre a mesa com aquela precisão que lhe vinha quando ainda não sabia o que fazer com elas.

«Vou pôr as iniciais a circular. Admitindo que sejam iniciais.» Levantou os olhos. «E tu, entretanto?»

«Entretanto, caminho nessa direção», disse Paolo. «Não tenho nada melhor, e ela tem dezasseis anos.»

XIII

BARBOSA NO PORTO

Foi Paolo quem encontrou o nome.

Pedira uma única coisa a Fernando: o registo de três meses dos turnos do cais Seis. Passou uma noite inteira à mesa do fundo do bar, com o café a arrefecer e Ten deitado sobre os seus pés, a cruzar datas. A noite da descarga, nove dias antes. A noite de maré cheia do mês anterior, que Rui mencionara de passagem. As duas noites em que, segundo a Capitania, um barco de pesca sem nome no registo atracara e reparara «uma avaria».

Quatro noites. Dezenas de homens por turno, sempre diferentes.

Só um estivera presente nas quatro vezes e, nas quatro, aparecia destacado para outro cais.

Paolo rodeou o nome e levou a folha a Fernando na manhã seguinte.

«Paulo Garcia Barbosa», leu Fernando. «Trinta e seis anos, funcionário do porto há onze.» Levantou os olhos. «Como o encontraste?»

«A contar.»

Fernando mandou fazer as verificações em quarenta e oito horas. Na manhã de vinte e três de agosto, chegou a confirmação: para além do que constava nos papéis, dois movimentos bancários anómalos nos meses de maio e

julho. Quantias não elevadas, mas regulares, de origem impossível de rastrear.

«Não chega para uma detenção», dissera Fernando.
«Mas chega para uma conversa.»

A conversa decorrera no gabinete de Fernando — não numa sala de interrogatórios, não com o tom de um interrogatório formal. O inspetor tinha aquela técnica particular de fazer as coisas parecerem menos oficiais do que eram: um café sobre a mesa, a porta entreaberta.

Barbosa resistira durante os primeiros vinte minutos. Depois cederia com a progressão típica das engrenagens secundárias: não por coragem, mas por cálculo. Percebera que aquilo que sabia valia menos do que o risco que corria ao guardá-lo para si.

Paolo ficara fora da sala, no corredor, à espera. Aprendera — tarde, mas aprendera — que certos interrogatórios nada ganham com a presença de pessoas a mais. Um espaço cheio cria confusão na mente do sujeito, e a confusão produz defesas em vez de aberturas.

Fernando saíra ao fim de quarenta minutos.

«Está a falar. Mas quer garantias de imunidade antes de contar tudo.»

«Tem nomes?»

«Diz que sim. Diz também saber onde fica o armazém de recolha no interior.»

Paolo levantou-se.

«Deem-lhe o que ele quer.»

Fernando olhou para ele.

«Não é assim tão simples.»

«Fernando. Há uma rapariga de dezasseis anos lá fora. O preço é sempre justo.»

O inspetor voltou a entrar. Paolo ficou de pé no corredor, com os ombros encostados à parede e o olhar fixo na porta fechada, a escutar o silêncio como se ele contivesse as informações que esperava.

Saíram juntos trinta minutos depois.

Fernando entregou a Paolo uma folha escrita à mão.

«Um armazém em Penafiel. Cerca de quarenta quilómetros do Porto. Diz que as transferências são feitas de noite, de dez em dez ou de doze em doze dias. A última foi há cinco dias. A próxima, segundo o ritmo que conhece, deverá ser daqui a seis ou sete dias.»

Paolo leu a folha uma vez. Dobrou-a e meteu-a no bolso.

«Seis ou sete dias. Não podemos esperar seis ou sete dias.»

«Eu sei. Mas com esta informação podemos trabalhar.»

«Podemos antecipar-nos.»

«Como?»

«Se entrarmos antes da transferência e encontrarmos as raparigas, não precisamos de esperar que se movam.»

Fernando ficou calado, a mastigar a ideia.

«Uma operação de resgate sem aviso. Perigoso. Se houver homens armados...»

«Há sempre homens armados. Mas eles são oito, nós somos cinquenta.»

«Não tenho cinquenta homens disponíveis sem uma ordem do magistrado.»

«Então obtém a ordem do magistrado.»

Fernando olhou para ele — aquele modo de olhar que continha ao mesmo tempo respeito, frustração e a consciência de que Paolo tinha razão.

«Dá-me vinte e quatro horas.»

«Tens vinte e quatro horas. Nem mais uma.»

Paolo regressou à Afurada. Ten esperava-o à entrada, como sempre. Entrou no bar, sentou-se, aceitou o café que Maria lhe trouxe sem que ele pedisse.

«Como correu?»

«Temos uma morada. Um armazém em Penafiel.»

Maria baixou a voz.

«Achas que Sofia está lá?»

«Não sei. Mas é a pista mais concreta que tivemos até agora.»

Ela sentou-se diante dele, com as mãos sobre a mesa.

«E se não estiver?»

Paolo não respondeu logo.

«Encontramos a pista seguinte.»

Maria assentiu. Não insistiu. Serviu mais café e ficou em silêncio junto dele durante alguns minutos.

Ten aproximou-se e pousou a cabeça nos joelhos de Paolo.

Paolo acariciou-o.

Amanhã. O armazém de Penafiel.

XIV

O PRIMEIRO ENCONTRO

(A história de Sofia — como tudo começou)

Era a noite de São João de 1991. As luzes coloridas penduradas entre os prédios do bairro, o cheiro das sardinhas na brasa, a música dos grupos folclóricos — uma daquelas festas portuguesas que são iguais todos os anos e todos os anos parecem novas.

Sofia caminhava entre as bancas sem olhar para onde punha os pés. Usava um vestido azul-escuro que ela própria escolhera. Os cabelos soltos pelas costas. Aquela beleza de que não tinha consciência, que os pais veem como um peso potencial e ela ainda não percebe porquê.

François estava atrás dela. Ou talvez à frente — a memória que guardava daquele momento, quando regressava a ele nas semanas seguintes, nunca fora estável. Era alto, de cabelo encaracolado. Tinha uma segurança que não era arrogância — ou, pelo menos, assim parecera ao princípio. O tipo de segurança que vem de se ter vivido em lugares diferentes, de se ter aprendido a circular em qualquer ambiente.

«O Porto tem o seu encanto. Sobretudo com pessoas interessantes como tu.»

A voz tinha um sotaque francês que soava estrangeiro e fascinante no ar português. Sofia corou, não por vergonha, mas por aquele curto-circuito específico que os elogios

provocam quando vêm de alguém que parece chegar de um mundo maior.

Caminharam até um pequeno bar escondido que não tinha letreiro — um daqueles lugares que parecem existir apenas para quem sabe encontrá-los. François pediu para ambos. Falou de Paris, de Marselha, de uma vida que parecia feita de liberdade e movimento. Sofia escutava.

O beijo chegou ao fim de uma hora. Breve, calculado, cheio de qualquer coisa que Sofia interpretou como intensidade emocional e que, sem que pudesse sabê-lo, era profissionalismo. A arte de fazer alguém sentir-se especial quando ainda não se conhece o suficiente para que possa ser realmente especial para nós.

«És diferente de todas as outras», disse François. «Quero que saibas.»

Sofia não respondeu. Mas, naquele dia, alguma coisa dentro dela se abriu para algo desconhecido.

Ainda não sabia que essa abertura era a armadilha.

—

Os dias seguintes foram uma vertigem. François procurava-a, levava-a a lugares escondidos, falava-lhe de maneiras novas. Dizia-lhe coisas sobre ela que ninguém lhe dissera — não as banalidades sobre como era bonita, mas coisas sobre a inteligência, a curiosidade, a capacidade de ver o mundo de forma diferente dos outros. Coisas que pareciam verdadeiras porque partiam de algo real que ela possuía — e isso tornava impossível desmascarar o mecanismo a partir de dentro.

Lentamente, as fronteiras da sua vida começaram a ser redesenhadas. As amigas sabiam cada vez menos. Os pais ainda menos. Cada encontro com François era mais um

tijolo no muro entre a Sofia visível e a Sofia secreta. Uma vida dupla que, a princípio, parecia excitante e depois pareceu necessária.

Prolongou-se ao longo do verão. E para lá do verão — François desaparecia durante semanas, Marselha, o trabalho de que nada dizia, e regressava sempre com histórias novas e a mesma atenção intacta. Um outono, um inverno, outra primavera. A vida dupla aprendeu a durar.

Na noite da festa da padroeira, a dez de agosto de 1992, Sofia disse à mãe que ia sair com Fernanda e Filipa. Vestiu o vestido azul-escuro. Caminhou entre as bancas durante vinte minutos, o tempo de ser vista, e depois entrou na viela atrás da igreja, onde François esperava com o motor ligado.

XV

O JOGO DA SEDUÇÃO

François conhecia o jogo de cor — aprendera-o não numa escola, não com um mestre, mas em anos de prática com raparigas diferentes, em cidades diferentes, com variações que dependiam do contexto, embora a estrutura fosse sempre a mesma. Como um músico que toca sempre a mesma peça, mas sabe adaptá-la à acústica da sala.

Com Sofia, a técnica era a do espelhamento. Perceber o que a rapariga quer — aquilo que lhe falta, aquilo com que sonha, aquilo que não consegue encontrar na vida que tem — e tornar-se exatamente isso. Não de forma desajeitada, não com o tom de um adulator improvisado, mas com precisão: a autenticidade simulada convence mais do que a autenticidade real, porque a real tem imperfeições, e aquela que ele simulava era calculada para não as ter.

Nessa noite, na segunda hora de conversa no pequeno café sem letreiro, François percebeu três coisas fundamentais acerca de Sofia.

A primeira: era inteligente. Não a inteligência exibida, mas a mais perigosa — a de quem é inteligente e se sente incompreendido, de quem sabe valer mais do que as pessoas à sua volta conseguem ver. Este tipo de inteligência é a chave mais fácil de explorar, porque quem se sente incompreendido fica desproporcionadamente grato à primeira pessoa que parece compreender de verdade.

A segunda: tinha fome do mundo. Não o simples desejo adolescente de aventura, mas algo mais concreto — a percepção dolorosa dos próprios limites geográficos. Sofia falara de livros que não conseguia encontrar na Afurada. De música que ouvia às escondidas — não o folclore português das festas das padroeiras, mas as gravações que uma prima de Lisboa lhe passava, grupos ingleses e franceses que pareciam vir de um universo paralelo. Aquela fome era a segunda chave.

A terceira coisa — e essa era a mais importante — era que tinha medo. Não medo dele, ainda não. Medo de ficar. Medo de que aquilo fosse tudo. De que as tardes na Afurada, o bar dos pescadores, o mercado de sexta-feira, o som do rio à noite já fossem, aos quinze anos, tudo o que poderia esperar. Esse medo era a raiz de tudo o resto.

François usou as primeiras duas horas para construir confiança. Não a confiança ingénua que se cria com elogios — essa é demasiado óbvia, quem tem algum sentido crítico reconhece-a. Construiu confiança através da compreensão. Escutou. Não fingiu escutar — escutou de verdade, porque compreender a presa era a única técnica que funcionava verdadeiramente.

«Já leste Pessoa?», perguntou-lhe a certa altura, com uma naturalidade que parecia nascida da conversa, não procurada.

Sofia abriu muito os olhos.

«Conheces Pessoa?»

«Passo tempo suficiente em Portugal para o conhecer. Mas, sobretudo, há qualquer coisa na forma como falas que me fez lembrar certos versos. Essa sensação de conter mundos diferentes.»

Sofia ficou em silêncio por um segundo. Depois riu-se — um riso verdadeiro, não aquele sorriso cortês com que se responde a elogios banais.

«Nunca ninguém me disse uma coisa dessas.»

«Talvez ainda não tivesses conhecido alguém que soubesse olhar.»

O golpe fora calculado. Soava a elogio — e era —, mas tinha também aquele travo de desafio gentil: as pessoas à tua volta não te veem. Eu vejo-te. Este tipo de mensagem implícita não é processado de forma racional. Vai diretamente ao lugar profundo onde vivem as necessidades que não se nomeiam.

Sofia não o processou racionalmente. Não teria conseguido.

As semanas seguintes foram construídas com a mesma precisão. Cada encontro deixava alguma coisa — um livro de Pessoa efetivamente comprado e levado para a conversa seguinte, música gravada numa cassete porque ela dissera que ouvia música às escondidas, histórias de Marselha e Paris contadas de modo a fazê-las parecer não inalcançáveis, apenas ainda não alcançadas. Como se estivessem à espera dela.

Depois daquele primeiro beijo, a fronteira física foi atravessada devagar, sem violência, sem nada que soasse a pressão. Um toque casual na mão durante uma conversa intensa. Um momento de proximidade que se tornava natural e depois normal. Da primeira vez que a beijou, Sofia não se surpreendeu — já imaginara aquele momento vezes suficientes para o sentir quase como uma recordação, e não como algo novo.

François conhecia esta mecânica na perfeição. Não por experiência académica, mas por ter vivido do outro lado o suficiente para saber como funciona.

Nunca pensara em si próprio como alguém que fazia mal. As raparigas de quem se aproximara, que seduzira, que entregara — a partir de certa altura, tornaram-se para ele uma categoria abstrata. Não pessoas. Operações. E as operações não geram culpa.

Com Sofia, porém, houvera algo diferente — um momento, uma noite, em que ela lhe dissera algo genuinamente inteligente sobre um livro que tinham discutido, e ele sentira por uma fração de segundo qualquer coisa que não reconhecia. Algo parecido com respeito. Com aquilo a que, noutro homem, se chamaria consciência.

Ignorara-o. Como sempre.

Porque o jogo já começara, e François não sabia fazer outra coisa senão continuar a jogar até ao fim.

O fim chegara-lhe mais cedo do que esperava. Mas isso era o futuro — e o futuro, naquela noite de junho, com Sofia a fitá-lo com os olhos ainda cheios de fé ingénua, permanecia invisível.

Nessa noite, ele tinha apenas o presente.

E o presente, por uma vez, parecera-lhe quase real.

XVI

O QUE PAOLO SABIA

O caderno de François tinha trinta e três páginas escritas em quarenta e oito.

Paolo lera-as duas vezes, depois uma terceira com um lápis na mão, a tentar separar o que era facto do que era interpretação. Era o tipo de leitura que aprendera em anos de trabalho no terreno — não procurar confirmações, procurar anomalias. As coisas que não batem certo são mais úteis do que as que batem.

Trinta e três páginas escritas em quarenta e oito. Números de telefone sem nomes. Uma data rodeada — 3 de setembro de 1991.

O mesmo mês em que aparecera na Afurada.

Não era uma data de chegada. Era a data de um acordo. Sofia já fazia parte do acordo antes de saber que ele existia.

Havia também uma sigla — «F.R.» — junto de um número com indicativo francês. Duas letras. O tipo de abreviatura que os traficantes usam para não escrever nomes completos.

Ligou a Fernando.

«F.R. Rede marselhesa. Verifica nos teus arquivos.»

Fernando ligou no dia seguinte. «Tenho um Ferrandez, Maurice. Pequeno traficante de Marselha, da rede de François. Morreu em 1990 — overdose, segundo o relatório. Já estava fora de jogo antes de Sofia desaparecer.»

Paolo fechou o caderno.

«Pista fechada», disse. «Não é ele. Não tem nada que ver com isto.»

Ten estava sentado junto à cadeira. Fitava-o.

«Ainda não chega», disse Paolo em voz baixa. «Mas é um começo.»

XVII

OS DIAS SEM NOME

O tempo em cativeiro não passa — acumula-se. Sofia aprendeu-o nos primeiros dias — os dias sem estrutura, sem luz natural, sem nenhuma das referências com que habitualmente se mede o tempo tornam-se uma substância uniforme, na qual já não se distingue a manhã da noite, o ontem do hoje.

O quarto era uma cave. Chão de cimento em bruto, paredes de pedra que transpiravam humidade nas horas mais frias, uma janela alta e estreita com uma grade de ferro enferrujado que deixava entrar apenas um retângulo de céu que mudava de cor — o único relógio que lhe restava. Azul vivo significava manhã. Azul mais escuro significava tarde. Cor de laranja significava que outro dia terminara.

Havia quatro raparigas no quarto quando Sofia chegou; com ela passaram a cinco. No terceiro dia, trouxeram Alina, uma ucraniana ruiva e de olhos claros que quase nada disse durante os primeiros dias. No total, eram seis. Marta, a polaca, era quem funcionava melhor em condições de escassez.

Ana era a mais nova depois de Sofia. Dezassete anos, checa, cabelo castanho cortado curto, uma coleção de piadas irónicas que soltava nos piores momentos com uma precisão que parecia terapêutica — não para aliviar a situação, mas para lembrar a si própria e às outras que

ainda havia ali dentro alguém capaz de rir. Sofia aprendera a perceber que a capacidade de rir era um dos poucos atos concretos de resistência disponíveis.

O ritmo do cativeiro era feito de pequenos acontecimentos que se tornavam enormes pela escassez de tudo o resto. O momento em que traziam a comida — normalmente uma vez por dia, por vezes duas, nunca em horários previsíveis, como se a imprevisibilidade fizesse parte do método — era o momento em torno do qual se organizavam as expectativas. O ruído dos passos nas escadas tornou-se um código preciso: passos pesados significavam um homem, e os homens nunca eram boa notícia. Passos leves significavam a mulher — Julia ou uma das suas — que trazia a comida.

Durante os primeiros cinco dias, houve uma corrente. Uma argola de ferro fixa à parede e uma extensão que chegava ao balde, mas não à janela. Tiraram-lha no sexto dia sem nada dizer, e só muito depois Sofia percebeu que não fora clemência. Fora uma avaliação. Observaram durante cinco dias como se comportava e decidiram que a corrente não era necessária.

O homem que tirou a corrente desceu sozinho, sem os guardas. Era alto, falava um português lento, aprendido em adulto, e, antes de abrir a argola, agachou-se para observar o tornozelo onde o ferro deixara marca. Depois disse uma frase em russo, num tom normal, para alguém no andar de cima, e nessa noite a mulher que trazia a comida não entrou no quarto. Sofia só viria a saber o nome dele duas semanas depois.

Na noite em que teve febre, foi ele quem desceu com a água. Ficou à porta enquanto ela bebia. Não disse nada de

amável — quase nada disse. Mas fora ele quem descera. E, num quarto onde nunca acontecia nada, aquilo acontecera.

Sofia aprendeu a controlar as próprias reações. Percebeu bastante depressa que mostrar emoções era um risco, não porque houvesse um castigo automático, mas porque a tornava vulnerável. Os guardas — homens quase sempre silenciosos, que não olhavam as raparigas nos olhos como se isso os protegesse de alguma coisa — reagiam de maneiras diferentes conforme a forma como eram interpelados. Se viam medo, alguns brincavam com ele. Se viam resistência aberta, reagiam. Mas, se encontravam neutralidade — uma neutralidade estudada, não a neutralidade natural da indiferença —, pareciam optar por não interagir.

As conversas com as outras raparigas decorriam num inglês de emergência — todas sabiam o suficiente para comunicar o essencial, nenhuma o dominava o bastante para usar matizes. Isso tornava as conversas diretas, por vezes brutalmente diretas, sem os filtros que a língua materna proporciona. Mas tinha também algo de útil — a comunicação entre elas era densa em informação, sem enfeites.

Marta explicara-lhe a estrutura do que via.

«Este é um ponto de recolha. Não o destino final. Vão transferir-nos — não sei quando, não sei para onde. Ouvi falar de um barco.»

«Um barco para onde?»

«Não sei. Para algum lugar onde não falemos a língua.»

Sofia assimilara aquilo em silêncio. Depois perguntara:

«Isto já te aconteceu antes?»

Marta olhara para ela de uma forma que continha muitas coisas e não mostrava nenhuma.

«Sim. Mas dessa vez consegui fugir. Desta vez, não.»

«Como voltaste a cair?»

Uma pausa longa.

«Pensei que podia confiar em alguém que me disse as coisas certas. Enganei-me.» Levantou-se, dirigiu-se à janela alta, olhou para o retângulo de céu. «Não é estupidez. Não te permito que penses que fui estúpida. É que certas pessoas sabem mentir muito bem.»

Sofia pensou em François. Na voz, nas palavras, na certeza com que lhe dissera tudo o que dissera. No momento em que lhe pegara no rosto entre as mãos e a beijara na testa — aquele gesto que ela interpretara como ternura e que agora, com a lucidez que nasce de se estar num quarto com o chão de cimento, compreendia ser outra coisa. Não ternura. Controlo.

«Compreendo», disse.

E compreendeu de verdade.

Nos dias seguintes, Sofia dedicou-se a observar. Era um impulso que ainda não reconhecera como tal — como algo que podia usar, que já era uma forma de ação. Reparou nos guardas — quantos eram, os turnos, os momentos em que pareciam mais distraídos. Reparou na porta — tinha uma fechadura normal, não de segurança, daquelas que se forçam com um objeto plano e força suficiente. Reparou na janela alta — demasiado alta para saltar diretamente, mas não para alguém suficientemente alto sobre os ombros de outra pessoa.

Na noite do quinto dia, enquanto as outras dormiam, Sofia sentou-se no canto mais escuro do quarto e ficou

acordada. Não por ansiedade — já atravessara as noites de ansiedade e aquela não era uma delas. Estava acordada para pensar, para usar o silêncio e a escuridão como o espaço de concentração que não conseguia encontrar durante o dia, com as outras presentes.

Pensou no pai. Miguel à mesa, ao domingo de manhã, com o jornal e o café, aquela presença silenciosa e sólida que sempre dera por adquirida. Pensou na mãe, que cantava em voz baixa enquanto cozinhava — uma canção que Sofia teria sabido identificar, mas não cantar, porque sempre escutara sem aprender, na certeza inconsciente de que haveria tempo de sobra para o fazer mais tarde.

Pensou em Fernanda, Filipa, Rita — as amigas, com os defeitos e as qualidades, com tudo aquilo que a irritava e tudo aquilo de que agora sentia falta.

Pensou em Paolo Ricci e na mulher, que geriam o bar — aquele casal de italianos que parecia ter vindo de um mundo diferente e, no entanto, se integrara no bairro com uma naturalidade que ainda a surpreendia quando pensava nisso. Ouvira dizer que Paolo trabalhara na polícia. Que tinha um cão treinado. Que não era homem para ficar parado quando alguma coisa estava errada.

Não a certeza de que alguém a procurava. Não a segurança do resgate. Apenas a possibilidade de alguém saber que ela não desaparecera por escolha própria.

Deitou-se no chão, enrolou o cobertor em torno dos ombros, fechou os olhos.

O retângulo de céu no alto tornava-se cor de laranja. Outro dia terminara.

Menos um para atravessar.

XVIII

A FRENTE QUE AVANÇA

Victor no mercado do peixe. Sergej com os seus contactos de Leste. Os homens de Carmelo que recolham informações sem fazer perguntas. Fernando com os canais da Judiciária. Marco Mazzini, a partir de Génova, com cruzamentos de registos e telefonemas entre repartições.

Uma semana de nomes que não batem certo, pistas que se fecham, muros que têm todos o mesmo rosto.

Ao terceiro dia, Paolo dera um nome a Fernando: Brunelli, Giacomo. Antigo funcionário alfandegário de Génova, contactos marselheses documentados, saíra da administração aduaneira em 1989 sem reforma. O tipo de figura que podia servir de intermediário entre uma rede italiana e uma francesa.

Fernando verificara em quarenta e oito horas. Brunelli estava em Buenos Aires desde 1990 — vivo, localizado, completamente fora da história.

Paolo aceitara a correção sem comentários. Levantara-se, pegara no bloco e riscara o nome com um único traço. O que não dissera a Fernando era que a página com o indicativo francês já não estava no caderno havia dias: estava dobrada em quatro no bolso interior do seu casaco.

Recomeçar.

Depois, lentamente, alguma coisa começou a ganhar forma.

Julia era o nome da chefe do grupo que mantinha as raparigas. Ucraniana, entre os trinta e os quarenta e cinco anos, com uma organização que se estendia do norte de Portugal até Vigo. Roman Vasiliev era o contacto entre a organização e as redes de distribuição para o norte da Europa — um intermediário com autonomia suficiente para tomar decisões operacionais, mas que respondia perante superiores.

E havia Celso Alves. Um nome que Fernando pronunciara com aquela voz específica da desilusão profissional.

«Conheço-o desde que entrou ao serviço. Era um bom polícia, há muitos anos.»

«Mas?»

«Mas o dinheiro chegou. Primeiro pouco, depois muito. É o percurso clássico.»

«Sabe onde estão as raparigas.»

«Sim. Esse é o problema e a solução ao mesmo tempo.»

XIX

ROMAN VASILIEV

Roman não era um homem de emoções visíveis. Aprendera isso em rapaz, numa Ucrânia soviética onde as emoções visíveis eram uma vulnerabilidade que alguém acabaria por explorar. Enterrara-as tão bem que agora já não tinha a certeza de as possuir — ou talvez apenas não as distinguisse dos automatismos operacionais.

Estava sentado no gabinete improvisado, a olhar para o mar. Julia encontrava-se detida depois da operação em Matosinhos e já não podia dirigir o depósito. Não fora estúpida, apenas tivera azar na ordem dos acontecimentos. Roman não era sentimental a esse respeito.

«Boris.»

O braço-direito entrou.

«As raparigas?»

«Ainda no armazém. A quinta está pronta.»

«Até que ponto o armazém é seguro?»

Boris hesitou.

«Houve movimento na zona. Talvez apenas caçadores. Mas...»

«Transferência amanhã. Antes do amanhecer.»

«Sim, chefe.»

«E o polícia corrupto, Celso. Confirma que a investigação parou?»

«Diz que o italiano deixou de se mexer. Que as pistas foram limpas.»

Roman assentiu. Não acreditava por completo. Mas era a informação de que dispunha.

«Ótimo. Mantém-me informado.»

Ficou sozinho.

O mar estava imóvel — aquela planura cinzento-prateada do norte de Portugal que parecia não ter profundidade, como se fosse uma superfície pintada, e não água verdadeira.

Roman olhava para o mar sem pensar nas raparigas na quinta. Nunca pensava nas raparigas. Pensava nas rotas, nos tempos, nos pontos de transferência. O mar não julga. Transporta.

Fizera as pazes com essa distinção muitos anos antes. Não por cinismo — por sobrevivência.

Levantou-se. Tinha trabalho.

XX

A TRANSFERÊNCIA

Vieram buscá-las antes do amanhecer.

Sofia percebeu o caminhão pela respiração das outras — Marta acordou primeiro, a respiração mudou e essa mudança acordou Alina, e assim por diante ao longo do quarto, como se o medo obedecesse a uma ordem de antiguidade. Depois também ela ouviu o motor, as portas, os passos nas escadas.

Boris abriu a porta e acendeu a lâmpada nua.

«Cinco minutos. Só o que têm vestido.»

Nada tinham além do que vestiam. Era uma ordem para as pôr em movimento, não para que se preparassem.

Obrigaram-nas a entrar numa carrinha sem janelas, com dois bancos soldados aos lados e um cheiro a gasóleo e fruta podre. Sofia contou os segundos entre as curvas, como lera uma vez num livro de que já não se lembrava — conta-se, memoriza-se, reconstitui-se o percurso. Chegou aos duzentos e perdeu a conta. O livro não dizia que o medo nos faz perder a conta.

Marta pegou-lhe na mão às escuras. Não a apertou. Segurou-a.

A viagem durou horas. Quando a carrinha parou e a porta se abriu, a luz era o cinzento anterior ao sol, e o ar era diferente — já não o cimento húmido e o gasóleo da cave, mas terra, árvores, estrume ao longe. Campo

verdadeiro. Sofia registou também isso: estamos ainda mais longe de casa.

A casa da quinta era de granito, com telhado de ardósia e as janelas do rés do chão trancadas por dentro. No pátio havia dois cães presos a correntes compridas, que se levantaram sem ladrar. Um homem que nunca vira abriu uma porta lateral e contou-as com o dedo à medida que entravam, como quem conta caixas.

Lá dentro já estava outra rapariga.

Sentada contra a parede do quarto novo — maior do que a cave, com uma janela alta gradeada e um ferrolho colocado do lado do corredor —, observou as recém-chegadas sem se levantar. Era loura e tinha um lábio reventado que sarava mal.

Ninguém fez apresentações. As apresentações são coisa de quem tem um nome para gastar.

Foi Ana quem rompeu o silêncio, naquele inglês torto, apontando para a janela gradeada:

«Ao menos aqui a janela é maior. Estamos a subir de categoria.»

A rapariga loura olhou para ela. Depois soltou pelo nariz um som breve, que não era riso, mas se parecia o bastante para valer alguma coisa.

Sofia sentou-se contra a parede e fez o inventário, porque era o que aprendera a fazer. Uma janela alta, gradeada. Uma porta, o ferrolho por fora. Seis raparigas além dela. Dois cães no pátio. Pelo menos três homens, talvez mais.

E uma coisa nova, que não existia na cave: do pátio, quando o vento mudava, vinha um cheiro a água. Não o mar. Água doce, parada e larga.

Um rio.

Sofia não sabia que rio era nem onde estava. Mas pensou — e pensou-o com uma lucidez que a surpreendeu, porque era o primeiro pensamento em duas semanas que não continha medo — que todos os rios vão dar a algum lado. Que a água que passava diante daquela quinta acabaria por passar, mais cedo ou mais tarde, diante de sua casa.

Não era uma via de fuga. Não era nada.

Mas quando Roman chegou, no dia seguinte, e atravessou o pátio com aquele passo de homem sem pressa, Sofia observou-o da janela alta, agarrada ao peitoril, e não foi a primeira a desviar os olhos.

Roman reparou.

Foi um erro. Percebeu-o logo, pela forma como ele parou a meio do pátio e a fitou durante três segundos inteiros antes de retomar o passo.

Mas uma parte dela — a parte que contava as curvas, que fazia inventários, que sentia o rio — registou também isto: olhou para mim como se olha para um problema.

Antes um problema do que uma caixa.

XXI

AS AMEAÇAS NO BAR

Maria limpava as mesas quando entraram dois homens que ninguém no bairro alguma vez vira.

Não olharam à volta como clientes. O mais alto ficou junto à porta; o outro dirigiu-se ao balcão com a mão direita dentro do blusão.

«O teu marido tem de parar de procurar a rapariga.»

Maria pousou o pano. Henrique, à mesa do canto, baixou o jornal alguns centímetros.

«O meu marido não recebe ordens minhas», disse. «Quanto mais tuas.»

O homem sorriu sem alegria. O blusão abriu-se o suficiente para mostrar a coronha de uma pistola.

Atrás do balcão, Ten levantou-se.

Não estava treinado para atacar, e Maria não lhe pediu que o fizesse. O cão avançou até à abertura do balcão, parou entre ela e o homem e ladrrou uma vez. Um som seco, cheio, que fez todos no bar voltarem-se.

«Se tirares a mão daí», disse Maria, «não sei o que ele vai fazer. E tu também não.»

Era uma meia-verdade, usada como se usam as meias-verdades quando a outra pessoa tem uma pistola.

Henrique dobrou o jornal e levantou-se. Depois levantou-se António, o baixo. Depois, o alto. Ninguém empunhava nada; eram apenas quatro corpos num espaço

pequeno e, de repente, os dois homens já não controlavam a sala.

O que estava junto à porta disse uma palavra em ucraniano. O companheiro retirou lentamente a mão do blusão.

«Isto não fica por aqui.»

«Essa frase», disse Maria, «ouço-a muitas vezes. Não melhora com o uso.»

Saíram.

Maria esperou até ver o carro virar antes de pegar no telefone. Ten continuava no mesmo lugar. Tremia ligeiramente nos flancos, não de medo: de energia contida.

«Chega», disse-lhe.

O cão olhou para ela e depois voltou para trás do balcão.

Quando Fernando atendeu, Maria deu-lhe as descrições, a hora e o modelo do carro. Depois ligou a Paolo.

XXII

O FARO DE TEN

Na manhã seguinte, Paolo levou Ten de novo a Matosinhos.

O edifício já estava vazio e periciado. Fernando mostrou-lhe a porta de serviço pela qual, segundo Julia, as raparigas tinham sido retiradas poucas horas antes da operação. Pela primeira vez, tinham um ponto conhecido dentro daquela estrutura, não uma direção sugerida por um mapa.

Paolo calçou luvas limpas, abriu o frasco da fronha e deixou Ten recolher o odor. Depois voltou a fechá-lo, prendeu a linha longa e colocou-se atrás do cão.

«Procura.»

Ten verificou o pátio em toda a extensão. Duas vezes entrou em passagens saturadas pelos odores dos agentes e dos detidos, duas vezes voltou sem se comprometer. À terceira escolha, seguiu a parede até à rampa de carga. Ali, a linha esticou-se.

O cão chegou à rua, trabalhou ao longo do passeio durante trinta metros e parou numa zona de manobra enegrecida pelo gasóleo. Procurou em leque. Tentou para norte, regressou; tentou em direção ao porto, regressou. Voltou ao centro da zona e olhou para Paolo.

Paolo não o recolocou logo no rasto. Fê-lo percorrer o perímetro uma segunda vez, depois levou-o para o outro lado da rua para confirmar. Nenhum rasto pedonal coerente.

«Outra transferência para um veículo», disse Fernando.

«É a melhor hipótese. Não é um destino.»

Debaixo de um telheiro, encontraram um fragmento de farolim e uma abraçadeira de plástico partida. O fragmento pertencia a uma Ford Transit da mesma série descrita pelo vigilante da Rua de Ceuta. A abraçadeira iria para o laboratório.

Ten bebeu e depois deitou-se à sombra. Trabalhara quarenta minutos num pátio atravessado por dezenas de pessoas e dera duas respostas úteis: um percurso até ao largo e a ausência de uma continuação legível a pé.

Paolo registou a hora, a temperatura, o vento, a superfície e o comportamento do cão. Não escreveu rasto encontrado. Escreveu: indicação coerente até à rampa; perda na zona de manobra; nenhum reinício confirmado.

Paolo olhou para o fragmento de farolim dentro do saco.

«Que mudam de veículo a cada passagem e que alguém conhece as nossas partidas. Se não encontrarmos a fuga de informação, continuaremos a chegar ao lugar certo no momento errado.»

XXIII

OS SICILIANOS DE CARMELO

O velho Alfa Romeo preto chegou dois dias depois, às sete e meia da manhã. Maria reconheceu-o pelo som do motor antes mesmo de ver quem saía.

Salvo foi o primeiro — cabelos grisalhos, ombros largos. Seguiam-se outros dois, com a mesma qualidade silenciosa.

Maria abraçou-os um a um. Passou um momento antes de conseguir falar.

«Obrigada.»

«Entre nós não há agradecimentos», disse Salvo. «És família.»

Os homens de Carmelo não faziam perguntas. Arranjaram um quarto perto do bar, dividiram naturalmente os turnos, aprenderam os ritmos do bairro. Falavam entre si num siciliano cerrado — aquela língua que, para Maria, era a língua dos avós, de algo antigo e seguro.

Paolo regressou e encontrou-os já instalados. Cumprimentou-os.

«Como está Carmelo?»

«Carmelo está como sempre. Manda cumprimentos.»

«Diz-lhe que pago a dívida na próxima visita.»

Salvo sorriu. Não era o tipo de dívida que se paga com visitas.

XXIV

MAZZINI E A LIGAÇÃO A VIGO

«Achas que Sofia ainda está em Portugal?», perguntou Mazzini.

«Não posso excluir Vigo. Mas a carrinha vista no Porto reaparece nos registos das portagens para leste, não para norte.»

Mazzini ativara um oficial de ligação italiano e um inspetor espanhol que acompanhava as companhias de navegação. Não eram escutas da Interpol, como diziam os jornais quando queriam dar elegância a um telefonema entre repartições. Eram horários de navios, conhecimentos de embarque, nomes de fachada e pessoas dispostas a confrontá-los.

«Tenho um barco de pesca, o Albatros», disse. «Faz Vigo, Porto, La Rochelle. Parte daqui a quatro dias. O nome aparece associado a uma empresa de Matosinhos já vista num processo de Marselha.»

«Tripulação?»

«Mando por fax a Fernando. Não te metas nisso sozinho.»

«Não vou sozinho.»

«Paolo.»

«Percebi.»

Desligou e abriu o bloco numa página dividida em duas colunas: CERTEZAS e HIPÓTESES. Sob a primeira, escreveu

o nome do navio e a hora de partida. Sob a segunda, em maiúsculas: TRANSFERÊNCIA POR TERRA ANTES DE VIGO.

Ten olhava para ele do chão.

«Temos de chegar ao ponto anterior», disse Paolo. «Um navio já é tarde de mais.»

SEGUNDA PARTE

A FUGA

Grande Porto e Trás-os-Montes – setembro de 1992

XXV

O POLÍCIA ERRADO

Celso Alves tinha exatamente quarenta anos e uma carreira que, vista de fora, parecia perfeitamente normal. Agente da Polícia de Segurança Pública desde 1974, primeiro no norte e depois transferido para o Porto em 1983, promovido a agente principal em 1988. Uma mulher, Conceição, professora primária. Um filho, Nuno, de onze anos, que jogava futebol no campo por baixo de casa todos os sábados. Um apartamento no bairro do Bonfim, quarto andar sem elevador, com persianas azuis iguais às dos vizinhos, porque o condomínio pintara tudo da mesma cor um ano antes.

Era o tipo de vida que, quando contada, nada produz de memorável.

A dívida começara em 1988 — um empréstimo de cinco milhões de escudos feito por um homem que Celso conhecera através de um colega, para remodelar o apartamento e comprar o carro novo que a família esperava havia dois anos. Os juros eram razoáveis, o reembolso parecia comportável. Parecia.

Em 1989, o colega que servira de intermediário morrera num acidente de automóvel na A1, e o empréstimo passara para outras mãos — das de um credor particular para as de algo muito menos nomeável. O novo credor não aumentara os juros, não ameaçara, não pedira nada de extraordinário. Apenas deixara claro que a dívida tinha agora outra natureza.

Não financeira. Operacional.

O primeiro favor fora pequeno: um processo desaparecido de uma secretária. Depois, um aviso prévio — saber com antecedência de certas fiscalizações programadas em determinados bairros. Depois, aos poucos, algo mais grave: relatórios de investigação partilhados antes de chegarem às secretárias certas. Nomes de informadores deixados escapar. Movimentos de certos suspeitos comunicados antecipadamente.

Celso nunca participara diretamente em crime algum. Essa distinção — essa linha que traçava mentalmente entre aquilo que fazia e aquilo que não fizera — era o mecanismo que lhe permitira continuar a olhar para a mulher durante o jantar, levar o filho ao campo aos sábados, continuar a ver-se como um homem que apenas tentava sobreviver a uma situação impossível.

Não era um homem mau. Não era um homem corajoso. Era um homem com a dívida errada no momento errado, que escolhera sobreviver com a mesma lógica banal com que se escolhe o mal menor.

Quando o contacto ucraniano — um homem que se apresentava apenas pelo nome de Boris — lhe telefonara em agosto para dizer que havia uma questão no Porto que exigia a sua atenção, Celso obedecera como sempre. Os pormenores: uma rapariga desaparecida, uma busca particular conduzida por um italiano, certos movimentos que não deviam ser comunicados às instâncias superiores.

Não sabia, naquele momento, que a rapariga tinha um nome: Sofia Neves. Não sabia que os pais, um bairro inteiro e um antigo membro dos Carabinieri italianos com um cão de trabalho a procuravam. Não tentara saber.

Limitara-se a cumprir o seu papel de engrenagem. Como sempre.

Mas, desta vez, a engrenagem girava numa máquina que envolvia uma menina de dezasseis anos. E alguma coisa — alguma coisa que julgara ter apagado muitos anos antes — começava a oferecer resistência.

Ainda não era suficiente para mudar de rumo. Mas era suficiente para criar atrito.

XXVI

A MATRÍCULA

Um número de matrícula.

No relatório da operação falhada em Matosinhos aparecia um automóvel estacionado a duzentos metros do edifício, registado por rotina.

À quarta leitura, Paolo viu a matrícula.

A mesma matrícula constava do registo de acessos à esquadra de Matosinhos. Vinte e quatro horas antes, no parque dos agentes.

Estava em nome de Celso Alves.

Paolo calculou os tempos. A operação fora planeada por seis pessoas; Celso era um dos quatro agentes.

O rasto perdido na garagem. O largo de carga. O fragmento do farolim. O armazém de Penafiel esvaziado doze horas antes.

Quatro vezes alguém chegara antes deles.

Não era azar. Era arquitetura.

Ligou a Fernando.

«Celso Alves.»

«Onde encontraste a matrícula?»

«No relatório de Matosinhos. Cruzada com o registo da esquadra.»

O silêncio prolongou-se.

«Cristo.»

«Conhecia-o.»

«Conhecia-o há doze anos.» Calou-se. «Tem uma dívida. Não é a um banco, nem vem de ontem. Pensei... não pensei o suficiente.»

Paolo não disse nada. Conhecia aquele silêncio. Já vivera dentro dele. Com Ferri.

«O que fazemos agora.»

«Usamo-lo.»

O plano era simples no conceito e perigoso na execução. Fazê-lo acreditar que a investigação parara. Que Paolo saíra de cena. Celso comunicaria a Roman que estava em segurança. Roman baixaria as defesas. E nesse momento — a quinta, as raparigas, a transferência.

XXVII

DOZE HORAS

«E não podemos simplesmente detê-lo.»

«Sem provas concretas, não. E, se o detivermos agora, Roman percebe que a rede está comprometida e transfere tudo de imediato. Sofia desaparece antes de conseguirmos chegar.»

Paolo compreendia.

«Temos de usá-lo», disse.

Fernando assentiu devagar.

«É arriscado. Se perceber que está a ser vigiado...»

«Então é preciso garantir que não percebe.» Paolo levantou-se. «Deixa-me pensar numa coisa. Dá-me vinte e quatro horas.»

O inspetor levantou-se e pegou no casaco.

«Não temos vinte e quatro horas. A transferência pode acontecer a qualquer momento.»

«Doze, então.»

Fernando olhou para ele.

«Doze horas. Depois dizes-me o que pensaste.»

Quando o inspetor saiu, Maria apareceu da cozinha com um rosto que não tentava esconder a preocupação.

«Até que ponto isto é perigoso?»

Paolo hesitou um segundo a mais.

«Maria.»

«Não me digas “não sei”, porque te conheço.»

Aproximou-se dele e tomou-lhe as mãos nas suas. Ele olhou para elas. As próprias mãos, com os dedos grossos e velhas cicatrizes. As dela, pequenas.

«Há perigos. Não os escondo de ti. Mas também há Carmelo, Fernando, Marco Mazzini — não estou sozinho.»

«Não é isso que me preocupa. Preocupa-me o que vejo nos teus olhos.»

«O que vês?»

«Que te sentes responsável por tudo. Por Sofia. Pelas raparigas. Por Fernando. Pelos homens que vigiavam o bar. Como se tudo dependesse de ti.»

«Uma parte de mim sabe que não é assim. A outra parte...»

«A outra parte é aquela parte de ti que nunca parou. A que acordou no dia em que deixaste os Carabinieri e nunca mais dormiu.» Maria manteve-lhe as mãos imóveis. «Tem cuidado. Não porque não sejas capaz — és o homem mais capaz que conheço. Mas porque quero que voltes.»

«Volto.»

«Promete.»

«Prometo.»

No seu canto, Ten soltou um som baixo — não um latido, uma espécie de murmúrio. Maria voltou-se para ele.

«Tu também prometes que voltas?»

Ten abanou a cauda uma vez, com uma solenidade que parecia quase deliberada.

«Ótimo», disse Maria. «Então acredito nos dois.»

XXVIII

O PLANO

A reunião teve lugar numa sala da Polícia Judiciária, não nas traseiras de um armazém.

Fernando pedira a Paolo que participasse por uma única razão: avaliar se e quando Ten poderia ser útil. Sobre a mesa havia um mapa rodoviário do nordeste, três fotografias aéreas antigas e o processo de Celso Alves. Nenhum homem de Carmelo, nenhuma arma particular.

«Celso usa o código P-dezassete para um ponto de transferência», disse Fernando. «Não conhece a morada final. Temos, porém, três propriedades em nome de uma empresa de fachada num raio de quinze quilómetros de Picote. Um postal anónimo indicava a mesma zona e dois recibos de combustível encontrados em Matosinhos conduzem a Miranda do Douro.»

Santos traçou um círculo a lápis.

«Três quintas, quarenta quilómetros de estradas secundárias. Se verificarmos todas abertamente, avisamo-los.»

«O telefonema de Celso tem de obrigá-los a mexer-se», disse Fernando. «As equipas seguirão os veículos. A GNR fechará os eixos em direção a Mogadouro e à fronteira sem conhecer o alvo até ao último momento.»

Apontou para Paolo.

«O cão só entra se tivermos um último ponto conhecido e um rasto fresco. Não vai escolher uma quinta a partir de um mapa.»

Paolo assentiu. «Se perderem o veículo e encontrarmos um ponto onde Sofia saiu a pé, posso tentar. Se continuar no veículo, não. E, se Ten me der um negativo, o negativo continua a ser um resultado: não o empurro para a casa que preferimos.»

Rodrigo tomou nota.

«E os cães de guarda?»

«Não são problema do Ten. É um cão de rasto, não um cão de ataque. A GNR leva dois homens com laços de captura e painéis; o veterinário de Miranda fica de prevenção.»

Fernando passou ao resto do plano: vigilância, rádio, identificação dos veículos, ambulâncias, responsabilidade pela entrada. Paolo não ultrapassaria o perímetro até Santos o declarar seguro. Não levaria uma arma. Ten ficaria com ele.

«Quando?», perguntou Santos.

«O telefonema é amanhã às dezoito. Se Roman antecipar a transferência, a janela abre-se de imediato. Se não se mexer, continuamos a observar.»

A reunião terminou depois da meia-noite. Lá fora, Maria esperava no carro. Não lhe pediu os pormenores que ele não podia contar.

«Sabes qual é o teu lugar?», perguntou.

«Sei.»

«E ficas lá?»

Paolo olhou para Ten no banco de trás.

«Desta vez, sim.»

XXIX

O ISCO

Celso Alves chegou à Polícia Judiciária às seis e trinta e cinco da manhã, acompanhado por dois agentes à paisana.

Não estava detido. Ainda não. Fernando fê-lo ler o número de matrícula, os acessos à esquadra e os horários das quatro operações comprometidas. Depois saiu da sala e deixou Paolo entrar.

Ten deitou-se junto à porta. Celso olhou para ele durante mais tempo do que para o homem.

«Cinco milhões de escudos em 1988», disse Paolo. «Para a casa e para o carro. O colega que te apresentou ao credor morreu na A1 e a dívida mudou de mãos. Desde então não te pediram juros. Pediram-te favores.»

Celso baixou os olhos para a mesa.

«Não aceitaste dinheiro depois do empréstimo. É isso que contas a ti próprio para te distinguires deles.»

«Como é que sabe?»

«Nós sabemos. A pergunta é o que vais fazer agora.»

Lá fora, atrás do vidro, uma máquina de escrever batia aos solavancos. Celso mantinha as mãos à vista, uma sobre a outra.

«A minha mulher é professora primária. O Nuno tem onze anos.»

«Eu sei.»

«O que lhes acontece?»

Paolo não tinha uma fórmula para lhe oferecer. No Portugal de 1992, não existia um programa com identidades novas e vidas prontas do outro lado de uma porta.

«O magistrado pode autorizar uma transferência reservada e proteção discreta. Uma casa fora do Porto, vigilância, acompanhamento do teu filho. A morada fica fora do processo enquanto a lei o permitir. Não te posso prometer outro nome nem dizer durante quanto tempo vai durar.»

Celso olhou para ele. «E o senhor porque está aqui?»

«Porque Fernando acha que vais falar comigo.»

«Não. Porque é que isto lhe importa?»

Paolo pensou em Rex, em Dux, em Ferri e em todos os primeiros passos que se tornam hábitos antes que quem os dá admita ter escolhido um caminho.

«Porque te apanharam num momento em que estavas cansado. Fizeste o primeiro favor convencido de que seria o último. Depois, voltar atrás tornou-se mais caro do que seguir em frente.»

Celso cerrou a boca.

«Conhece alguém assim.»

«Sim.»

Ten levantou-se, deu dois passos e parou junto à mesa. Não encostou o focinho a Celso, não lhe ofereceu absolvição. Ficou ali.

«Se colaborares», disse Paolo, «não apagas o que fizeste. Ainda podes impedir o que estão prestes a fazer.»

Celso começou a falar.

Primeiro deu nomes pequenos: uma matrícula, um número de telefone, um depósito. Depois, o código P-

dezassete e o significado que lhe tinham ensinado: ponto de emergência a leste, perto de um velho lagar. Por fim, descreveu o procedimento para avisar Roman de que o perigo passara.

Fernando voltou a entrar com o gravador e um auto em branco.

«A partir deste momento», disse, «todas as promessas vêm do magistrado e ficam no papel. Paolo não decide nada. Eu não decido tudo. Está claro?»

Celso assentiu.

«Está claro.»

XXX

A FAMÍLIA

Conceição e Nuno deixaram o Bonfim antes do meio-dia.

Não receberam documentos novos nem uma história preparada. Um carro descaracterizado levou-os para uma casa da polícia fora de Vila Real; dois agentes alternavam-se à entrada. Conceição teve apenas tempo para preparar uma mala e uma explicação incompleta para o filho.

Celso assinou o auto noutra sala.

«Não posso telefonar-lhe?»

«Quando tiverem chegado», disse Fernando. «De uma linha que controlamos.»

«E depois?»

«Depois depende da tua colaboração, do magistrado e do risco. Não te vou vender uma certeza que não tenho.»

Celso olhou para Paolo. Talvez procurasse uma versão mais tranquilizadora da mesma resposta. Paolo não lha deu.

«O telefonema a Roman é às dezoito», disse Fernando. «Até lá, ensaiamos cada palavra.»

Ten dormia debaixo da cadeira. Por uma vez, ninguém lhe atribuiu a tarefa de compreender os homens por eles.

XXXI

O TELEFONEMA DE CELSO

A sala de comunicações tinha uma mesa, dois gravadores de bobinas e um telefone cinzento.

Celso marcou o número às dezoito em ponto. Fernando escutava pelos auscultadores; Santos acompanhava a outra linha com a equipa de vigilância. Paolo ficou atrás do vidro, fora da conversa.

«Celso.»

A voz de Roman era neutra.

«O italiano desistiu. A busca particular parou e Matosinhos é tratada como uma operação encerrada.»

Sete segundos de silêncio.

«Ótimo.»

«Podemos avançar?»

«Antecipem. Esta noite. Usa o ponto dezassete e depois queima o veículo.»

A ligação caiu.

Celso pousou o auscultador e fechou os olhos.

Santos recebeu a primeira comunicação onze minutos depois: Boris saíra de uma cabine telefónica em Campanhã, entrara numa berlina e chegara a um depósito. Dali tinham partido duas carrinhas, uma para norte e outra pela estrada de Amarante.

«A que segue para norte é uma manobra de diversão», disse Celso. «O ponto dezassete fica a leste.»

Fernando não confiou na certeza dele. Mandou seguir as duas.

A carrinha que seguira para norte regressou vazia a Matosinhos duas horas depois. A que seguira para leste passou Vila Real e continuou em direção a Bragança.

Às duas e vinte, sob uma chuva fina, a equipa perdeu-a numa estrada secundária entre Sendim e Picote.

Às duas e quarenta e sete, voltou a encontrá-la abandonada junto a uma pedreira. As portas traseiras estavam abertas. Na lama começavam pegadas de várias pessoas, já deformadas pela água.

Fernando olhou para Paolo.

«Agora tens um ponto.»

Paolo pegou no frasco da fronha.

XXXII

O ÚLTIMO PONTO CONHECIDO

A pedreira era uma ferida clara no flanco da colina. A carrinha estava atravessada junto à vedação, com o motor ainda morno e cheiro a gasóleo no habitáculo.

Antes de aproximar Ten, Paolo mandou todos recuar. Perguntou a Santos por onde tinham passado os agentes, marcou os percursos no mapa e escolheu um ponto de apresentação ao lado da porta traseira. O carreiro visível na lama não bastava: podia ter sido deixado pelos homens de Roman ou pela equipa de vigilância.

Colocou o arnês em Ten, prendeu a linha longa e abriu o frasco. O cão recolheu o odor da fronha; Paolo voltou a fechá-lo e levou-o até à margem do veículo.

«Procura.»

Ten verificou o habitáculo sem entrar. Saiu para a estrada, descreveu um arco largo e voltou. Experimentou o carreiro mais evidente durante vinte metros, perdeu tensão e regressou à pedreira. Paolo não o corrigiu. Aquele era o percurso que os homens esperavam, não necessariamente o de Sofia.

O cão retomou a busca do lado oposto da carrinha. Seguiu uma valeta durante alguns metros, levantou a cabeça ao vento e desviou-se para uma vereda de cabras que descia por entre as azinheiras. A linha esticou-se.

Paolo fez sinal a Fernando para ficar para trás.

O rasto tinha pouco mais de uma hora, mas a chuva, o terreno e as passagens sobrepostas tornavam-no irregular. Numa bifurcação, Ten ultrapassou o desvio, chegou a um muro de pedra seca e voltou a procurar em círculos cada vez mais apertados. O vento empurrava o odor para o vale. Quando o recuperou, não seguiu pelo centro do carreiro: trabalhou cinco ou seis metros mais abaixo, entre a erva molhada.

Ao fim de meia hora, Paolo fê-lo parar. Água, verificação das almofadas plantares, um minuto sem perguntas. Ten retomou sozinho quando viu que continuava com o arnês vestido.

Na primeira quinta candidata, não mostrou interesse. Verificou o portão e continuou ao longo do muro, sem tomar a subida. Paolo registou mentalmente o negativo e não o obrigou a repetir o ponto.

Na segunda propriedade, o carreiro dividia-se. Ten entrou alguns metros pelo caminho de acesso, voltou à bifurcação e escolheu a descida. Atrás deles, Santos comunicou por rádio que a casa estava vazia.

A terceira quinta apareceu quando o céu começava apenas a clarear. Era mais baixa do que as outras, encostada à encosta, com uma única luz no rés do chão. Ten abrandou a cento e cinquenta metros. Não se lançou em direção ao edifício: verificou a berma da estrada, seguiu um rasto até a um pequeno portão lateral e ali a tensão voltou a mudar, mais forte e confusa. Odor recente, muitas pessoas, cães atrás de uma vedação.

Paolo chamou-o antes que ladrasse. A busca terminava ali.

«Seguiu um rasto coerente desde a carrinha até este acesso», disse a Fernando. «Não te diz quem está lá dentro nem quantas pessoas. Diz-te que a pessoa cujo odor estava na amostra passou por aqui.»

Fernando levantou os binóculos. No pátio havia uma Ford verde-escura com o farolim traseiro partido. A matrícula coincidia com as letras recordadas pelo vigilante da Rua de Ceuta.

Era a segunda confirmação, independente do cão.

«Chega-nos para parar e observar», disse Fernando. «Para entrar, quero ver as raparigas ou a carrinha a mexer-se.»

Paolo tirou o arnês a Ten e secou-o debaixo de uma manta. O cão deitou-se sem cerimónias.

Encontrara um acesso, não uma verdade. O resto pertencia aos homens.

XXXIII

ANTES DO AMANHECER

Às cinco e doze, uma rapariga apareceu na janela alta do lado norte.

Ficou visível durante três segundos, depois uma mão puxou-a para trás. Santos tirou duas fotografias. Às cinco e dezoito, o magistrado autorizou a entrada.

A reunião de preparação teve lugar atrás do muro de uma vinha. Fernando atribuiu o perímetro à GNR, a entrada à equipa de Santos e a evacuação a duas ambulâncias paradas na estrada de baixo. Os homens encarregados dos cães de guarda tinham painéis rígidos e laços de captura; o veterinário esperava a um quilómetro.

«Paolo fica no posto médico com Ten», disse Fernando. «Só entra depois do sinal de edifício seguro e apenas se for necessário identificar um percurso.»

Ninguém discutiu.

Paolo verificou as patas de Ten uma segunda vez. Uma almofada plantar estava avermelhada, mas intacta; a respiração, normal. Deu-lhe água e fê-lo subir para a parte de trás do carro, preso ao cinto de transporte.

«Já fizeste a tua parte», disse.

Ten pousou o focinho entre as patas.

Na noite anterior, Maria pedira-lhe que soubesse qual era o seu lugar. Agora sabia-o com precisão: a cento e quarenta metros da casa, atrás de um motor desligado, sem

arma, à espera de que o rádio lhe dissesse aquilo que não podia ver.

Às cinco e trinta e um, Fernando levantou a mão.

A equipa começou a avançar.

XXXIV

A QUINTA DE PICOTE

A porta nascente cedeu ao segundo golpe.

Paolo acompanhou a operação pelo rádio. Vozes breves, números, divisões declaradas livres. Dois disparos vieram da quinta e ecoaram pelo vale. Depois, a comunicação de Rodrigo: ferida de raspão no antebraço, consciente, operacional.

Os cães de guarda ladravam atrás da vedação oeste. Os homens da GNR contiveram-nos sem os deixar chegar à linha de entrada. Ten levantou a cabeça dentro do carro, mas Paolo não abriu a porta.

«Quieto.»

Cinco minutos depois, o rádio anunciou: rés do chão seguro. Prisoneiras localizadas, corredor norte. Roman não aparecia.

Depois, um motor arrancou atrás da casa.

Uma Ford Transit saiu por uma abertura não assinalada no mapa, derrubou uma rede leve e tomou a pista em direção ao vale. A patrulha ocidental fora deslocada para socorrer Rodrigo; durante vinte segundos, a abertura ficou livre.

«Veículo em fuga, uma pessoa ao volante, possível refém!», gritou Santos.

Fernando correu para o carro de comando. «Paolo, comigo. O cão fica preso.»

Partiram com Santos ao volante. Paolo sentou-se atrás, ao lado de Ten. Não tinha uma pistola e não pediu nenhuma.

Entretanto, seis raparigas saíam do quarto fechado na quinta. Marta foi a última. Alina apontou para a carrinha que descia.

«Levou Sofia.»

O rádio levou a frase até ao carro.

Fernando ordenou à GNR que fechasse a ponte na estrada de Sendim e deixasse uma via de imobilização, não um muro de homens. Santos manteve a Ford à distância. Com uma refém a bordo, abalroá-la na estrada molhada não era uma opção.

As luzes vermelhas apareciam e desapareciam entre as curvas.

Paolo pousou uma mão sobre a transportadora. Ten estava acordado, quieto. Terminara o seu trabalho e não sabia que a pessoa procurada estava a menos de um quilómetro. Era um cão, não um narrador onnisciente. Nesse limite residia a sua fiabilidade.

XXXV

SOFIA SOZINHA

Sofia estava sentada no chão da carrinha, com um pulso preso à pega por uma abraçadeira de plástico.

Roman conduzia com as duas mãos. Não lhe dissera para onde iam. Dissera apenas que os homens na quinta os matariam aos dois e que ele era o único capaz de a proteger.

Sofia observava a chuva deformar as luzes do lado de fora da janela.

Pensou na água que Roman lhe levara durante a febre. Pensou na porta que Roman fechara. As duas imagens continuavam a ocupar a mesma cabeça sem se apagarem uma à outra.

Atrás, em cada curva, apareciam faróis.

«Vieram por mim?», perguntou.

«Vieram buscar aquilo de que precisam.»

«E as outras?»

Roman não respondeu.

Sofia puxou devagar a abraçadeira. A borda cortou-lhe o pulso. Parou antes de se ferir a sério e olhou para o perfil do homem ao volante.

Pela primeira vez, não procurou uma confirmação no rosto dele. Procurou uma contradição.

Encontrou-a no silêncio.

XXXVI

A PONTE

O posto de controlo da GNR ficava para lá de uma ponte estreita, onde a estrada alargava diante de uma oficina fechada.

Os carros ocupavam apenas metade da faixa de rodagem. A outra metade conduzia a um tapete de pregos e a uma vala pouco funda: uma via de imobilização, não uma armadilha mortal.

Roman viu as luzes demasiado tarde. Travou, tentou a berma, embateu no murete da ponte e acabou atravessado contra o talude. A carrinha ficou inclinada, com o motor ligado e o para-brisas rachado.

Santos parou a cinquenta metros. Os agentes saíram com as armas apontadas. Paolo ficou no carro até Fernando ter Roman no chão, mãos visíveis, e a porta traseira sob controlo.

«Agora», disse Fernando.

Paolo saiu sem Ten.

Sofia estava encolhida no compartimento de carga. Um agente cortara-lhe a abraçadeira, mas ela não saía. Roman, algemado no asfalto, voltou a cabeça para a carrinha.

«Não vás com eles», disse em português. «Não sabem o que te fizeram.»

«Chega», ordenou Fernando, e mandou levá-lo para trás de um carro.

Sofia agarrou a borda da porta. «Não o levem.»

Paolo parou a três metros. As luzes azuis cortavam a chuva; cada movimento parecia mais rápido do que era.

«Sofia.»

Ela reconheceu-o. Não sentiu alívio. Sentiu vergonha.

«Ele manteve-me viva.»

«Acredito em ti quando dizes que te trouxe água.»

«Impediu Boris de me tocar.»

«Também acredito nisso.»

Sofia levantou os olhos, surpreendida pela ausência de uma negação.

«Mas Boris estava ali porque Roman o pusera ali. Havia sede porque Roman controlava a água. Não tenho de dizer-te que o que sentes é falso. Tenho de dizer-te quem construiu o quarto onde o sentias.»

Ela abanou a cabeça. «Não sabem nada.»

«Sei que Marta, Ana e Alina estão vivas. As outras três também. Estão fora da quinta e perguntaram por ti.»

«Elas viram-me. Sabem no que me tornei.»

«Viram o que fizeste para continuar viva.»

Sofia olhou na direção de Roman, agora escondido pelo carro. A voz dele já não chegava. Restava apenas o ruído da chuva sobre a chapa.

«Já não sou quem era.»

«Não. Ninguém regressa igual depois de seis semanas como aquelas. Em casa não estão à espera de uma cópia da rapariga que partiu. Estão à tua espera.»

Sofia não se mexeu.

Paolo deu um passo atrás. «Posso trazer o Ten?»

O nome atravessou alguma coisa. Sofia olhou para o carro.

«O cão do bar?»

«Sim.»

Ela assentiu.

Paolo voltou para junto de Ten, prendeu-lhe uma trela curta e conduziu-o até à margem da zona segura. Sem arnês de busca, sem comando. O cão viu Sofia na porta aberta, farejou o ar e sentou-se.

Sofia lembrava-se dele deitado atrás do balcão de Maria, indiferente aos jogos de futebol e às vozes dos pescadores. Uma coisa do mundo de antes que não lhe pedia que explicasse o mundo de depois.

Estendeu uma perna para fora da carrinha. Depois a outra.

Ten continuou imóvel.

Quando Sofia chegou ao chão, o cão aproximou-se até onde a trela permitia e farejou-lhe a mão. Não ladrou, não a reconheceu com uma cerimónia. Registou que estava ali.

Sofia fechou os dedos no pelo do pescoço.

«Posso aproximar-me?», perguntou Paolo.

Ela assentiu.

Paolo não a abraçou. Pôs-lhe uma manta sobre os ombros e ficou perto enquanto o corpo começava a tremer, primeiro devagar e depois sem controlo.

«Encontraram-nas a todas?», perguntou.

«A polícia libertou seis raparigas. Ten levou-nos do último veículo até ao portão. Depois vimos-te partir.»

Sofia baixou os olhos para o cão.

«Então não me encontrou sozinho.»

«Não. Ninguém encontra alguém sozinho.»

Pela primeira vez nessa noite, Sofia respirou até ao fundo.

XXXVII

MOGADOURO

O posto da GNR em Mogadouro tinha paredes cor de creme e uma máquina de café que só funcionava à pancada.

Roman chegou num carro separado. Ao passar diante de Fernando, parou.

«Fizeram um bom trabalho», disse. «Mas o italiano de cabelos grisalhos manda cumprimentos.»

Paolo não mudou de expressão.

«Nome.»

Roman sorriu. «Sandro Berti.»

O nome nada disse a Paolo. Era precisamente isso que o tornava útil: uma identidade sem memória, suficientemente limpa para ter sido construída.

«Vamos verificar», disse Fernando.

Roman foi levado.



As seis raparigas da quinta estavam vivas. Três consulados já tinham enviado funcionários; as outras esperariam pela manhã. Julia continuava detida no processo nascido da operação de Matosinhos.

Celso começara um depoimento completo. Conceição e Nuno estavam num local reservado, sob vigilância. Ninguém falou de identidades novas nem de um programa que não existia.

Sofia estava sentada, envolta numa manta, com uma mão no pescoço de Ten.

«Os teus pais sabem que estás bem», disse-lhe Fernando. «Estão à tua espera.»

Ela olhou para o próprio reflexo no vidro.

«Agora estou feia.»

«Estás cansada», disse Fernando. «Há uma diferença.»

Paolo entrou no carro que os levaria de volta ao Porto. Ten acomodou-se aos pés de Sofia, preso ao cinto. Desta vez ninguém lhe atribuiu uma escolha humana. Era simplesmente o lugar mais próximo.

XXXVIII

O REGRESSO À AFURADA

Paolo parou o carro diante da casa dos Neves às sete e vinte da noite.

Sofia vestia uma camisola da Polícia Judiciária três números acima do seu e ainda tinha o cabelo húmido do banho no hospital. Ficou com a mão na porta.

«Vou contigo?», perguntou Paolo.

«Não. Vou sozinha.»

Saiu, percorreu o caminho e parou diante da porta. A luz do corredor acendeu-se antes de ela tocar à campainha.

Sonia abriu com um pano da loiça na mão. Olhou para a filha e soltou um som que ainda não era uma palavra. O pano caiu. Não o apanhou.

Depois tomou Sofia nos braços.

Miguel veio da cozinha e parou a dois metros. Andara em círculos durante seis semanas; agora que a filha estava diante dele, não sabia como percorrer a distância.

Foi Sofia quem o fez. Encostou a testa ao peito dele, como quando era criança e regressava vencida de alguma coisa. Miguel pôs-lhe as mãos nas costas e disse o nome dela quatro vezes, cada vez mais baixo.

Sofia voltou-se para o carro e levantou uma mão.

Paolo respondeu, depois arrancou antes que alguém o convidasse a entrar.



Estacionou a cem metros do bar. Precisava da calçada sob as solas e do cheiro do rio antes de atravessar outra porta.

Ten caminhava cansado, não ferido. À terceira verificação, o veterinário não encontrara cortes, apenas uma almofada plantar irritada e músculos fatigados. Paolo encurtou-lhe o passo.

A luz d'O Farol via-se ao fundo da rua.

Maria saiu de trás do balcão quando os viu. Ajoelhou-se diante de Ten, passou-lhe as mãos pelas patas e pelo peito com a rapidez de quem verifica antes de acreditar.

«Está inteiro?»

«Está inteiro.»

«E tu?»

«Também.»

Só então se levantou e abraçou Paolo.

No bar estavam Fernando, Henrique, os dois Antónios e os homens de Carmelo que tinham vigiado o bar, não participado na operação. Ninguém fez um discurso. Henrique ergueu o copo. Os outros imitaram-no.

Ten chegou à cama, deu três voltas e deitou-se sobre o flanco habitual.

Maria colocou um copo de água diante de Paolo.

«Primeiro isto.»

«É uma festa terrível.»

«É o meu bar.»

Paolo bebeu. Depois alguém encheu o copo de vinho do Porto e a sala voltou a respirar.

XXXIX

A NOITE SEGUINTE

A festa terminou depois da uma.

Fernando foi o último a sair. À porta, entregou a Paolo uma cópia do nome encontrado nos documentos de Roman: Sandro Berti, nascido em Cairo Montenotte em 1930.

«Mazzini verifica amanhã.»

«Não existe», disse Paolo.

«Ainda não, para nós.» Fernando dobrou a folha e meteu-lha na mão. «Desta vez não a metas no bolso para a esconder. Traz-ma de volta.»

Paolo sustentou-lhe o olhar. «Trago.»

Quando a porta se fechou, Maria apagou metade das luzes. Ten dormia atrás do balcão.

«Vais ao cais?», perguntou.

«Não.»

«Ótimo.»

Paolo sentou-se à mesa do fundo. Pensou em Sofia em casa, nas seis raparigas entregues aos médicos e aos consulados, em Celso, que teria de contar cada favor, um por um. Pensou em Ferri, se Sandro Berti fosse de facto Ferri, e na coleira de Rex dentro da gaveta.

A história de Sofia chegara a um ponto que não era um final feliz, mas era um final: estava viva, estava em casa, o processo podia começar.

O resto não tinha o direito de lhe roubar a última página.

«Vamos dormir», disse.

Maria fechou a caixa. Paolo apagou a luz. Lá fora, o Douro continuou em direção ao mar sem perguntar o que fora resolvido e o que não fora.

TERCEIRA PARTE

AS COISAS QUE FICAM

Porto – outubro / novembro de 1992

XL

OS DIAS DE SOFIA

Nos dias seguintes, Sofia habitou o próprio quarto como um apartamento emprestado.

As fotografias continuavam nas paredes, a colcha azul estava esticada, os livros na mesma ordem. E, no entanto, verificava a janela antes de se deitar e acordava quando um motor abrandava na viela.

Sonia não lhe pediu que contasse. Preparava comida, deixava uma luz acesa no corredor, sentava-se perto quando era preciso. Miguel regressava do trabalho antes do anoitecer e aprendeu a bater à porta do quarto, embora nunca o tivesse feito.

Fernanda levou pastéis de nata e ficou em silêncio. Filipa chegou com o seu casaco de ganga e sem uma única piada. Rita pôs malmequeres do campo no peitoril.

Na quinta-feira, Sofia foi ao doutor Joaquim Castro, num consultório na Foz voltado para o mar. Regressou mais cansada do que quando saíra e, na quinta-feira seguinte, voltou.

A pergunta que repetia não era porquê Roman. Era como é que não vi François.

Castro não lhe deu uma resposta que a absolvesse de uma só vez. Disse-lhe que o engano não demonstra a estupidez de quem é enganado; demonstra a habilidade e a responsabilidade de quem o constrói. Disse-lhe que o corpo pode continuar a proteger-se mesmo quando o perigo terminou.

«E quando é que para?», perguntou Sofia.

«Não para tudo de uma vez. Para quando compreende, muitas vezes, que agora pode escolher.»

Em janeiro tentaria voltar à escola. Por enquanto, aprendia coisas mais pequenas: dormir com a porta fechada, entrar num carro conduzido pelo pai, atravessar uma sala sem verificar quem estava atrás dela.

XLI

TEN E SOFIA

Sofia voltou ao Farol numa manhã de quarta-feira.

Maria mandou-a sentar-se e levou-lhe um galão sem perguntar o que queria. Ten entrou pelas traseiras, fez a volta habitual e parou a meio metro da cadeira.

Sofia estendeu a mão. O cão farejou-a e depois deixou que lhe tocasse nas orelhas.

«É macio», disse.

«Atrás das orelhas é o melhor sítio.»

Ten fechou os olhos por um instante.

«Seguiu o meu odor?»

«De uma carrinha até à quinta», disse Maria. «Paolo tinha uma fronha da tua almofada, fechada num frasco. Ten encontrou o percurso que fizeste a pé.»

«E antes, na cidade?»

«Seguiu um rasto até uma garagem. Ali perdeu-o. Paolo diz que saber onde termina também faz parte do trabalho.»

Sofia acariciou o cão mais devagar.

«Pensava que tinha sido ele a encontrar-me.»

«Muita gente te procurou. Ten fez a parte que sabia fazer.»

«Contado assim, é menos bonito.»

Maria sorriu. «É mais verdadeiro. As coisas verdadeiras duram melhor.»

Ten deitou-se aos pés de Sofia.



Paolo encontrou-a mais tarde nos degraus da igreja. Sentou-se a alguma distância, com Ten entre os dois.

«Posso fazer-lhe uma pergunta?», disse Sofia.

«Claro.»

«Naquela noite disse-me que Roman tinha construído aquilo que eu sentia. O doutor Castro diz que era uma resposta de sobrevivência. Mas eu sentia aquilo de verdade.»

«Nunca pensei que fosse falso.»

«Então como posso confiar no que sinto?»

Paolo olhou para o rio ao fundo da rua.

«Não deixando o seu juízo depender de uma única sensação. Repare também no que alguém faz quando a Sofia diz que não. Na rapidez com que exige confiança. Se a afasta dos outros. Se lhe oferece alívio para um medo que ele próprio criou.»

Sofia ficou em silêncio.

«François fazia todas essas coisas.»

«Sim.»

«E eu não as via.»

«Agora já as vê.»

Ten ergueu o focinho para uma rajada de vento, avaliou o odor e voltou a baixá-lo.

«Como é que o cão escolhe?», perguntou Sofia.

«Não escolhe quem é bom. Segue um odor para o qual foi treinado e pode enganar-se. Sou eu que tenho de perceber quando está a trabalhar e quando não está.»

Sofia riu-se baixinho. «O senhor estraga todas as histórias bonitas.»

«Só as que fazem mal aos cães.»

Desta vez, riu-se com mais vontade.

Antes de partir, Sofia inclinou-se e encostou a testa à de Ten durante um segundo.

«Obrigada pela tua parte», disse.

Era a fórmula exata.

XLII

O RELATÓRIO

O relatório de Fernando tinha quarenta e seis páginas e nenhuma frase triunfal.

Roman Vasiliev estava em prisão preventiva. Julia responderia pelos crimes relacionados com o depósito de Matosinhos e com as seis raparigas identificadas. Os processos internacionais levariam meses, talvez anos. Três homens da rede tinham fugido antes de os mandados serem emitidos.

Celso confessara. A sua colaboração pesaria na pena; não apagaria a corrupção. Conceição e Nuno continuavam fora do Porto, sob proteção discreta, renovada semana a semana com meios improvisados.

«Não lhe chames justiça completa», disse Fernando. «Não é.»

Paolo pousou o relatório sobre a secretária.

«Sofia está em casa.»

«Isso, sim.»

No fundo do processo estava a fotografia molhada recuperada no cais, com duas iniciais a lápis: V.R. O magistrado integrara-a numa investigação separada. Uma porta que ficara fechada, não um corredor a percorrer de imediato.

O telefone tocou. Era Mazzini.

«Sandro Berti existe nos documentos», disse. «Passaporte emitido em Savona em janeiro de oitenta e sete. Mas o menino com esse nome morreu aos onze meses, em trinta e um. Alguém foi buscar o assento de nascimento a um livro de registos e contou com o facto de ninguém abrir o dos óbitos.»

«Quem podia fazer isso?»

«Alguém que conhecia os arquivos. Comparei a fotografia do passaporte com as fichas de serviço.»

Mazzini não pronunciou logo o nome.

«Ferri.»

Paolo olhou para Fernando.

Desta vez, não pegou na folha para a guardar. Deixou-a sobre a secretária.

«Manda-nos tudo», disse. «E pede o mandado pela via oficial.»

XLIII

FERRI

A morada de Ferri era uma pensão de quatro quartos na Foz, por cima de uma loja de redes de pesca.

Paolo ficou onze minutos dentro do carro. Teria sido fácil subir sozinho, bater à porta e fitá-lo. Não precisava de um mandado nem de um distintivo para cometer o mesmo erro que censurara nos outros.

Ligou o motor e foi ter com Fernando.

«Porque mo trazes?», perguntou o inspetor.

«Porque da última vez meti uma prova no bolso.»

Fernando leu a morada. «O mandado chega esta noite. Tu ficas cá fora.»

«Fico cá fora. Verifica as traseiras. Em Troia, desceu por uma escada de incêndio enquanto todos olhavam para a porta.»

Fernando estudou a planta.

«O pátio é espaço público. Tu e Ten cobrem o portão com um agente. O cão fica à trela. Não deve imobilizar ninguém.»

◆ ◆ ◆

Às seis e dez de vinte e três de novembro, chovia miudinho.

O pátio nas traseiras da pensão tinha três metros de largura. Uma escada de ferro descia do segundo andar até

um muro baixo; para lá dele havia uma viela e a estrada junto ao mar.

Paolo encostou-se à parede. O agente Barbosa cobria o portão. Ten estava sentado ao seu lado, com uma trela curta.

Lá em cima, bateram à porta. Três pancadas, uma voz, o ruído de uma porta a ser arrombada.

A janela do segundo andar abriu-se.

Ferri desceu com o casaco na mão. Tinha sessenta e dois anos e ainda o corpo de quem passara a vida a calcular saídas. No penúltimo degrau viu o agente. Depois viu Paolo. Por fim, viu o cão.

Ten não ladrou. Não se levantou. Paolo não lhe deu ordem alguma.

Ferri ficou com um pé no degrau e o outro suspenso. Para chegar à viela teria de passar entre o agente e um cão cujo treino desconhecia. Levantou lentamente as mãos.

«Belo cão», disse em italiano.

Barbosa algemou-o.

◆ ◆ ◆

Onze dias depois, Paolo entrou na sala de visitas da prisão, em Lisboa. Ten ficara no carro com Fernando; a prisão não era um campo de treino e não precisava de espectadores de quatro patas.

Ferri sentou-se do outro lado da mesa.

«Como se chama?», perguntou.

«Não te digo.»

O silêncio que se seguiu foi a primeira coisa que lhe doeu.

«Quatro anos», disse Ferri. «Esperava-te mais cedo.»

«Estive ocupado.»

«Li sobre a rapariga. Bom trabalho.»

Paolo não respondeu.

«Queres saber porquê.»

«Não. Dívidas, uma mulher, alguém que já te tinha na mão. Se mo contas, alivias-te. Não estou aqui para isso.»

«Então porque vieste?»

Paolo preparara a resposta durante quatro anos. Agora era curta.

«A coleira de Rex. Chegou a minha casa em janeiro de oitenta e sete, num saco sem remetente. Lá estava escrito *lembro-me bem*. Foste tu que a mandaste?»

A mão direita de Ferri mexeu-se dois centímetros.

«Sim.»

«Porquê?»

Ferri olhou para a mesa. «Fui eu quem treinou Rex nos primeiros meses. Depois da operação, a coleira chegou ao depósito com o resto. Guardei-a durante um ano.»

«E depois mandaste-ma como ameaça.»

«Não.» Ferri pareceu surpreendido. «Era a única coisa que conseguia dizer. Lembrava-me.»

«Em Génova, transmitiste o percurso alterado.»

«Sabia que estavas lá e sabia que o cão estava lá. Fiz as contas. Decidi que te safarias.»

«Dux não.»

Ferri baixou os olhos. «Não sabia o nome.»

«Dux.»

«Dux.»

Paolo meteu a mão no bolso interior do casaco. A coleira de Rex estava dentro de um envelope. Pensara deixá-la sobre a mesa, devolver a Ferri o peso que ele lhe entregara.

Não o fez.

Era dele.

Levantou-se.

«Restam-te vinte anos, se tiveres sorte. Não vou passá-los a pensar em ti.»

Lá fora, Fernando esperava junto ao carro. Ten levantou a cabeça quando Paolo abriu a porta.

Paolo pousou o envelope sobre o banco. O cão farejou-o e depois olhou pela janela.

«Sim», disse Paolo. «Vamos para casa.»

Partiram para norte.

EPÍLOGO

O INVERNO – DEZEMBRO DE 1992

Porto, doze de dezembro de 1992.

O Douro tinha a cor do aço envelhecido. As primeiras chuvas tinham-lhe aumentado o caudal, e o rio corria escuro para o oceano, indiferente aos processos que se abriam e àqueles que alguém deixaria fechados.

Paolo caminhava ao longo do cais com Ten ao seu lado.

Roman e Julia aguardavam julgamento. As cartas rogatórias para Espanha, França e Ucrânia avançavam à velocidade do papel. Dos nomes surgidos no depoimento de Celso, um levava a uma suspensão; outros dois, a nada. Elementos insuficientes, escrevera o magistrado.

As seis raparigas da quinta tinham sido entregues às famílias, aos consulados ou a estruturas de acolhimento. Nem todas tinham um lugar a que pudessem chamar casa.

Sofia regressaria à escola em janeiro, primeiro durante duas manhãs por semana. Às quintas-feiras continuava a ir ao doutor Castro. Algumas noites dormia. Noutras, não. Ninguém chamava cura à simples passagem dos dias.

Ferri aguardava extradição. A coleira de Rex regressara à segunda gaveta da mesa de cabeceira, por baixo dos antigos cartões de identificação dos Carabinieri. Paolo não a deitara fora. Já não lhe pedia que fosse uma porta.

Junto ao monumento ao pescador, Ten parou para verificar um odor trazido pelo vento. Ao fim de alguns segundos, descartou-o e retomou o passo.

No bar, Maria mudava as cortinas.

«Chegaste atrasado», disse quando Paolo entrou.

«Três minutos.»

«Quatro.»

Sofia estava à mesa junto à janela, com um livro aberto e uma chávena entre as mãos. Ten viu-a, aproximou-se e esperou. Ela tocou-lhe na testa.

«Olá, colega», disse.

Paolo tirou o casaco e subiu ao escadote para prender a cortina. Maria passou-lhe as argolas uma a uma.

Lá fora, o rio continuava o seu trabalho. Cá dentro, naquela manhã, cada um fazia o seu.

FIM